ALINE GIL ALVES GUILLOUX

**Estimativa da população de cães errantes e a sua associação com
fatores socioeconômicos e ambientais**

São Paulo

2011

ALINE GIL ALVES GUILLOUX

**Estimativa da população de cães errantes e a sua associação com
fatores socioeconômicos e ambientais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia Experimental Aplicada às Zoonoses da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências

Departamento:

Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal

Área de Concentração:

Epidemiologia Experimental Aplicada às Zoonoses

Orientador:

Prof. Dr. Ricardo Augusto Dias

São Paulo

2011

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Biblioteca Virginie Buff D'Ápice da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da
Universidade de São Paulo)

T.2498
FMVZ

Guilloux, Aline Gil Alves

Estimativa da população de cães errantes e a sua associação com fatores socioeconômicos e ambientais / Aline Gil Alves Guilloux. -- 2011.
148 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal, São Paulo, 2011.

Programa de Pós-Graduação: Epidemiologia Experimental Aplicada às Zoonoses.
Área de concentração: Epidemiologia Experimental Aplicada às Zoonoses.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Dias.

1. Cão errante. 2. *Canis lupus familiaris*. 3. São Paulo. 4. Abandono.
5. Capacidade de suporte. I. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA

Comissão de Ética no uso de animais

CERTIFICADO

Certificamos que o Projeto intitulado "Estimativa da população de cães errantes e a sua associação com fatores socioeconômicos e ambientais", protocolado sob o nº 1966/2010, não utilizando animais, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Ricardo Augusto Dias, está de acordo com os princípios éticos de experimentação animal da "Comissão de Ética no uso de animais" da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo e foi aprovado em reunião de 11/08/2010.

We certify that the Research "Estimation of stray dog's population and its association with socioeconomic and environmental factors", protocol number 1966/2010, under the responsibility Prof. Dr. Ricardo Augusto Dias, agree with Ethical Principles in Animal Research adopted by "Ethic Committee in the use of animals" of the School of Veterinary Medicine and Animal Science of University of São Paulo and was approved in the meeting of day 08/11/2010.

São Paulo, 12 de agosto de 2010

Profa. Dra. Denise Tabacchi Fantoni
Presidente

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome: GUILLOUX, Aline Gil Alves

Título: Estimativa da população de cães errantes e a sua associação com fatores socioeconômicos e ambientais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia Experimental Aplicada às Zoonoses da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências

Data: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Assinatura: _____	Julgamento: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Assinatura: _____	Julgamento: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Assinatura: _____	Julgamento: _____

Ao meu pai, Irio, modelo de paciência e sabedoria.

À minha mãe, Janê, modelo de dedicação e perseverança.

Ao meu irmão, Lauro, modelo de felicidade e alegria.

À minha avó, Maria Iolli, modelo de força e superação.

*À minha família, que esteve ao meu lado em todas as batalhas, me incentivando a levantar
depois de cada queda, vibrando com minhas vitórias e apoiando cada decisão que tomei
neste caminho.*

Ao Rodrigo, meu parceiro, indispensável, e à sua família, que me acolheu e auxiliou sempre.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Ricardo Augusto Dias, pelo tempo, compreensão e paciência a mim dedicados, pela oportunidade de ser uma de suas filhas e por me conduzir tão habilidosamente até esta conquista.

Ao professor Luis Gustavo Corbellini, meu primeiro orientador na vida acadêmica e quem abriu meus olhos para o mundo da Epidemiologia e me incentivou a trilhar o caminho da pesquisa, abrindo muitas portas.

Ao professor Fernando Ferreira e professor Marcos Amaku, que estiveram sempre disponíveis e prestativos.

À Carolina, Lígia, Ana Júlia e Bianca (Bi), colegas de laboratório, e ao Alex, colega de mestrado, que contribuíram de forma indispensável para a realização do trabalho de campo, além dos muitos bons momentos de lazer.

Aos membros da banca, que disponibilizaram seu tempo para ler e avaliar este trabalho.

À Bianca (Bib's), Grisi, Vanessinha, Mônica, Guilherme, Fernando, Rafael e Mauro, que fizeram do meu tempo no LEB sempre mais agradável, dividindo perguntas e respostas, mas, principalmente, risadas.

À Rita, Renatinho, Rizia, Marcelinho e Gabriela, que, passando pelo LEB, deixaram muito boas lembranças.

Ao Raul, que esteve disponível nos difíceis momentos finais deste trabalho e não mediu esforços para me auxiliar.

Aos colegas do CCZ de São Paulo, que forneceram dados de grande valor para a realização desta pesquisa.

Aos colegas, docentes e funcionários do VPS, que compartilharam experiências e me ensinaram muito também, em especial a "gaúcha" Amália, pelos inúmeros mates compartilhados, e a Denise pelo companheirismo.

Aos amigos da Faculdade de Saúde Pública, companheiros de aulas, trabalhos e festas.

Aos moradores da Cidade de São Paulo que, gentilmente, cederam seu tempo e boa vontade para responder aos meus questionamentos.

À CAPES, pelo financiamento.

RESUMO

GUILLOUX, A. G. A. **Estimativa da população de cães errantes e a sua associação com fatores socioeconômicos e ambientais.** [Estimation of stray dog's population and its association with socioeconomics and environmental factors]. 2011. 148 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

A população de cães errantes tem sido um problema na sociedade moderna e levanta discussão sobre o bem estar dos animais, a responsabilidade ambiental e assuntos relacionados saúde pública, como agressão, zoonoses e acidentes de trânsito. São Paulo é uma cidade com mais de dez milhões de habitantes e uma população de cães domiciliados em torno de 2,5 milhões de animais. Não há pesquisas a respeito da distribuição da população de cães errantes e isso dificulta o planejamento de ações de intervenção neste campo. O problema foi abordado do ponto de vista da probabilidade de abandono e capacidade de suporte ambiental. Foi criado um escore composto por treze variáveis de risco de abandono. Os dados foram agrupados por distrito administrativo e estes classificados em três categorias (tercis). Foi definida uma amostra de conveniência de seis áreas a serem visitadas, duas em cada categoria, que fossem pequenas e isoladas, passíveis de percorrer a pé. O número de animais foi estimado pelo método de pseudo-captura, utilizando fotos e anotações para identificar os animais. Simultaneamente, foi aplicado um questionário em uma amostra aleatória sistemática dos domicílios de cada área. Das seis áreas visitadas, em duas foi observada presença de cães errantes e em apenas uma delas, uma população fixa. Dos fatores associados a presença de cães errantes, destacam-se os relacionados a proximidade homem-cão e ao ambiente. Intervenções nestes fatores e incentivo à guarda responsável podem ser soluções desejáveis para redução gradativa da população de cães errantes

Palavras-chave:.Cão errante, *Canis lupus familiaris*, São Paulo, abandono, capacidade de suporte.

ABSTRACT

GUILLOUX, A. G. A. **Estimation of stray dog's population and its association with socioeconomics and environmental factors**. [Estimativa da população de cães errantes e a sua associação com fatores socioeconômicos e ambientais]. 2011. 148 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

The stray dog's population has been a problem in modern society and raises discussion on different issues like animal welfare, environmental responsibility and public health matters such as dogs bites, zoonosis and traffic accidents. Sao Paulo is a city with over ten million inhabitants and a population of owned dogs around 2.5 million animals. There are no surveys on the distribution of the population of stray dogs and this hampers any plan of intervention. The problem was accessed from the standpoint of relinquishment probability and environmental carrying capacity. A score was created with thirteen variables, of known risk factors of relinquishment. The data was grouped by district and classified in to three categories (terciles). a convenience sample of six areas was defined, two in each category, which were small and isolated, liable to go through on foot. The number of animals was estimated by the pseudo capture method, using photos and notes to identify the animals. Simultaneously, a questionnaire was administered in a systematic random sample of households in each area. Of the six areas visited, in only two it the presence of stray dogs was observed and only one showing a fixed stray population. Of the factors associated to the presence of stray dogs, one can distinguish: degree of human-dog proximity and those related to environment. Intervention on these factors and encouraging responsible ownership could be a solution to gradually reduce the population of stray dogs.

Keywords: Stray dogs, *Canis lupus familiaris*, São Paulo, relinquishment, carrying capacity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escore de potencial de abandono dos distritos administrativos do município de São Paulo – São Paulo – 2010	60
Figura 2 – Mapa da localização das áreas de estudo na cidade de São Paulo – São Paulo – 2011.....	62
Figura 3 – Foto de cão buscando alimento no lixo depositado na calçada, na Assunção – São Paulo – 2010	65
Figura 4 – Foto de cão descansando sob um desnível na calçada próximo à um pote de comida, onde já foi colocado um anteparo na porta de entrada, no Jardim Cibeles – São Paulo – 2011	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Área, extensão de ruas e extensão do percurso realizado nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	61
Tabela 2 – Número de domicílios e o intervalo de domicílios utilizado para amostragem sistemática aleatória nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	61
Tabela 3 – Descrição da distribuição e tamanho da população de cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	70
Tabela 4 – Dados de observações de cães errantes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	71
Tabela 5 – Abundância de cães errantes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	71
Tabela 6 – Frequência de tipologia de domicílio nas áreas de estudo – São Paulo – 2011 ..	73
Tabela 7 – Frequência de domicílios com animais de estimação nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	73
Tabela 8 – Frequência de domicílios com cães nas áreas de estudo – São Paulo – 2011 ..	73
Tabela 9 – Média, desvio padrão e número de observações do número de cães por domicílio com cães nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	74
Tabela 10 – Frequência de domicílios com gatos nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	74
Tabela 11 – Mediana, percentis e número de observações do número de gatos por domicílio com gatos nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	74
Tabela 12 – Frequência de domicílios com animais de estimação (que não cães e gatos) nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	75
Tabela 13 – Mediana, percentis e número de observações do número de animais de estimação (que não cães e gatos) por domicílio com animais de estimação (que não cães e gatos) nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	76
Tabela 14 – Frequência dos gêneros de cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	76
Tabela 15 – Média, desvio padrão e número de observações da idade dos cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	76
Tabela 16 – Frequência cães domiciliados com raça definida nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	76

Tabela 17 – Frequência das categorias de porte de cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011.....	77
Tabela 18 – Frequência da faixa etária na aquisição dos cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011.....	77
Tabela 19 – Frequência das categorias de custo de aquisição dos cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	78
Tabela 20 – Frequência de origem dos cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	79
Tabela 21 – Frequência de cães domiciliados com origem da cidade de São Paulo nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	80
Tabela 22 – Frequência dos locais de aplicação da vacina contra raiva nos cães domiciliados das áreas de estudo no ano anterior ao da realização da pesquisa – São Paulo – 2011	80
Tabela 23 – Frequência de cães domiciliados que receberam vacina diferente da vacina contra raiva no ano anterior ao da realização da pesquisa nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	80
Tabela 24 – Frequência de cães domiciliados com problemas de comportamento referidos pelo proprietário nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	81
Tabela 25 – Frequência de cães domiciliados considerados agressivos nas áreas de estudo – São Paulo – 2011.....	81
Tabela 26 – Frequência do direcionamento da agressividade, em cães agressivos nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	82
Tabela 27 – Frequência dos locais de manutenção dos cães nas áreas estudadas – São Paulo – 2011	83
Tabela 28 – Frequência de local de repouso dos cães mantidos dentro de casa nas áreas estudadas – São Paulo – 2011	83
Tabela 29 – Frequência de local de repouso dos cães mantidos no quintal nas áreas de estudo – São Paulo – 2011.....	84
Tabela 30 – Frequência de cães domiciliados com acesso à rua – São Paulo – 2011.....	84
Tabela 31 – Frequência dos níveis de supervisão dos cães ao ter acesso à rua nas áreas de estudo – São Paulo – 2011.....	85
Tabela 32 – Frequência de cães sob responsabilidade da família ou de funcionários do domicílio nas áreas estudadas – São Paulo – 2011.....	85
Tabela 33 – Frequência de gênero do responsável pelo cão domiciliado nas áreas estudadas – São Paulo – 2011	86

Tabela 34 – Média, desvio padrão e número de observações da idade do responsável pelo cão domiciliado nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	86
Tabela 35 – Frequência dos níveis de escolaridade do responsável pelos cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	87
Tabela 36 – Frequência das formas como o cão foi considerado pela família nas áreas de estudo – São Paulo – 2011.....	87
Tabela 37 – Frequência de cães que viajam com a família nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	88
Tabela 38 – Frequência proprietários que consideraram seus cães doentes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011.....	89
Tabela 39 – Frequência de proprietários que consideram que seus cães demandam mais trabalho do que esperado no momento da aquisição nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	89
Tabela 40 – Frequência de cães domiciliados esterilizados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	89
Tabela 41 – Mediana, percentis e número de observações de tempo em anos decorrido desde a esterilização dos cães esterilizados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	90
Tabela 42 – Frequência do motivo para esterilização dos cães esterilizados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011.....	91
Tabela 43 – Frequência de cães domiciliados que tiveram ninhadas nos domicílios das áreas de estudo – São Paulo – 2011	91
Tabela 44 – Mediana, percentis e número de observações do número de ninhadas de cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	91
Tabela 45 – Mediana, percentis e número de observações do número total de filhotes dos cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	92
Tabela 46 – Frequência de destino dos filhotes de cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	92
Tabela 47 – Frequência de domicílios que possuíam cão que deixou de viver no local, no ano anterior ao da realização da pesquisa nas áreas de estudo – São Paulo – 2011.....	93
Tabela 48 – Frequência de destino do cão domiciliado que, no ano anterior ao da realização da pesquisa, deixou de ser mantido no domicílio, nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	94
Tabela 49 – Frequência de moradores que já viram pessoas abandonando cão nas áreas de estudo – São Paulo – 2011.....	94

Tabela 50 – Frequência de moradores que vêem cães errantes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	94
Tabela 51 – Frequência de moradores que alimentam cães errantes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	95
Tabela 52 – Frequência de moradores que vêem pessoas alimentando cães errantes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	96
Tabela 53 – Frequência de moradores que vêem pratos de comida destinados aos cães errantes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	96
Tabela 54 – Mediana, percentis e número de observações do número de dias na semana em que o lixo é descartado nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	96
Tabela 55 – Frequência de moradores que vêem lixo na rua nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	98
Tabela 56 – Frequência da forma como o lixo do domicílio é acondicionado nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	98
Tabela 57 – Frequência de tipo de lixeira dos domicílios nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	98
Tabela 58 – Frequência de domicílios com criança nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	99
Tabela 59 – Média, desvio padrão e número de observações do número de moradores por domicílio nas áreas de estudo – São Paulo – 2011	99
Tabela 60 – Frequência de tipologia de domicílios nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	100
Tabela 61 – Frequência de domicílios com animais de estimação nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	101
Tabela 62 – Frequência de domicílios com cães nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	101
Tabela 63 – Mediana, percentis e número de observações do número de cães por domicílio com cães nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	102
Tabela 64 – Frequência de domicílios com gatos nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	102
Tabela 65 – Média, desvio padrão e número de observações do número de gatos por domicílio com gatos nas áreas com e sem cães errantes – São Paulo – 2011	103
Tabela 66 – Frequência de domicílios com animais de estimação (que não cães e gatos) nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	104

Tabela 67 – Mediana, percentis e número de observações do número de animais de estimação (que não cães e gatos) por domicílio com animais de estimação (que não cães e gatos) nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	104
Tabela 68 – Frequência dos gêneros de cães domiciliados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	104
Tabela 69 – Média, desvio padrão e número de observações da idade dos cães domiciliados nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011	105
Tabela 70 – Frequência de cães domiciliados com raça definida nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	105
Tabela 71 – Frequência das categorias de porte de cães domiciliados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	106
Tabela 72 – Frequência de faixa etária na aquisição dos cães domiciliados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	106
Tabela 73 – Frequência das categorias de custo de aquisição de cães domiciliados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	107
Tabela 74 – Frequência de origem de cães domiciliados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	108
Tabela 75 – Frequência de cães domiciliados com origem da cidade de São Paulo nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	108
Tabela 76 – Frequência dos locais de aplicação da vacina contra raiva nos cães domiciliados no ano anterior ao da realização da pesquisa nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	109
Tabela 77 – Frequência de cães domiciliados que receberam vacina diferente da vacina contra raiva no ano anterior ao da realização da pesquisa nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	109
Tabela 78 – Frequência de cães domiciliados com problemas de comportamento referido pelo proprietário nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	110
Tabela 79 – Frequência de cães domiciliados considerados agressivos nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	110
Tabela 80 – Frequência do direcionamento da agressividade, em cães agressivos, nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	111
Tabela 81 – Frequência dos locais de manutenção dos cães nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	111
Tabela 82 – Frequência de local de repouso dos cães mantidos dentro de casa em áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	112

Tabela 83 – Frequência de local de repouso dos cães mantidos no quintal em áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	112
Tabela 84 – Frequência de cães domiciliados com acesso a rua nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011	113
Tabela 85 – Frequência dos níveis de restrição de movimento dos cães ao ter acesso à rua nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011.....	114
Tabela 86 – Frequência de cães sob responsabilidade da família ou de funcionários do domicílio nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011	114
Tabela 87 – Frequência de gênero do responsável pelo cão domiciliado nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011	114
Tabela 88 – Média, desvio padrão e número de observações da idade do responsável pelo cão domiciliado nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	115
Tabela 89 – Frequência dos níveis de escolaridade do responsável pelos cães domiciliados nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011	115
Tabela 90 – Frequência das formas como o cão foi considerado pela família nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	116
Tabela 91 – Frequência de cães que viajam com a família em áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	117
Tabela 92 – Frequência de proprietários que consideraram seus cães doentes nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	117
Tabela 93 – Frequência de proprietários que consideram que seus cães demandam mais trabalho do o esperado no momento da aquisição nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	118
Tabela 94 – Frequência de cães domiciliados esterilizados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	118
Tabela 95 – Média, desvio padrão e número de observações de tempo em anos decorrido desde a esterilização dos cães esterilizados nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011	119
Tabela 96 – Frequência de motivo para esterilização dos cães esterilizados nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011	119
Tabela 97 – Frequência de cães que tiveram ninhadas nos domicílios das áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	120
Tabela 98 – Média, desvio padrão e número de observações do número de ninhadas de cães domiciliados em áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	120

Tabela 99 – Média, desvio padrão e número de observações do número total de filhotes dos cães domiciliados em áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	120
Tabela 100 – Frequência de destino dos filhotes de cães domiciliados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	121
Tabela 101 – Frequência de domicílios que possuíam cão que deixou de viver no local no ano anterior ao da realização da pesquisa nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	121
Tabela 102 – Frequência de destino do cão domiciliado que, no ano anterior ao da realização da pesquisa, deixou de ser mantido no domicílio, nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011	122
Tabela 103 – Frequência de moradores que já viram pessoas abandonando cão nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	123
Tabela 104 – Frequência de moradores que vêem cães errantes nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	123
Tabela 105 – Frequência de moradores que alimentam cães errantes nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	124
Tabela 106 – Frequência de moradores que vêem pessoas alimentando cães errantes nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	124
Tabela 107 – Frequência de moradores que vêem pratos de comida destinados aos cães errantes nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	124
Tabela 108 – Mediana, percentis e número de observações do número de dias na semana em que o lixo é descartado nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	125
Tabela 109 – Frequência de moradores que vêem lixo na rua nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	125
Tabela 110 – Frequência da forma como o lixo do domicílio é acondicionado nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	126
Tabela 111 – Frequência de tipo de lixeira dos domicílios nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	126
Tabela 112 – Frequência de domicílios com criança nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	127
Tabela 113 – Mediana, percentis e número de observações do número de moradores por domicílio nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011	127

Tabela 114 – Variáveis dos domicílios utilizadas para elaboração do modelo de regressão logística, categorias de dados e nível de significância – São Paulo – 2011	128
Tabela 115 – Modelo de regressão logística proposto para as variáveis referentes aos domicílios – São Paulo – 2011.....	129
Tabela 116 – Variáveis dos cães domiciliados utilizadas para elaboração do modelo de regressão logística, categorias de dados e nível de significância – São Paulo	129
Tabela 117 – Modelo de regressão logística proposto para as variáveis referentes aos domicílios – São Paulo – 2011.....	130

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	30
2	JUSTIFICATIVA.....	40
3	OBJETIVOS.....	44
3.1	Objetivo geral	44
3.2	Objetivos específicos.....	44
4	MATERIAIS E MÉTODOS	48
4.1	Escore de potencial de abandono de cães.....	48
4.2	Método de Contagem de Cães.....	51
4.3	Questionário	53
4.4	Análise	54
5	RESULTADOS.....	60
5.1	Descrição das áreas de estudo	61
5.1.1	Área 1 – Assunção	64
5.1.2	Área 2 – Barra Funda	65
5.1.3	Área 3 – Jardim Cibebe	66
5.1.4	Área 4 – Jockey.....	68
5.1.5	Área 5 – Pinheiros:	68
5.1.6	Área 6 – Vila Sônia.....	69
5.2	Descrição das observações de cães errantes e domiciliados	70
5.3	Análise Descritiva.....	71
5.4	Análise Univariada	100
5.5	Análise Multivariada.....	128
5.5.1	Modelo de Domicílios	128
5.5.2	Modelo de Cães	129
6	DISCUSSÃO	134

7	CONCLUSÃO	142
	REFERÊNCIAS	144
	ANEXOS	148

INTRODUÇÃO

---

1 INTRODUÇÃO

A ligação entre o ser humano e o cão (*Canis lupus familiaris*) se estende há aproximadamente 15.000 anos, sendo uma das relações entre ser humano e animal mais antigas. Essa relação pode ter se iniciado quando seres humanos e lobos dividiram o mesmo espaço e posteriormente os humanos iniciaram a seleção de animais mais dóceis e úteis na caça e defesa de território, dando origem ao cão moderno. A partir de então, os cães passaram a auxiliar na caça e com a fixação do homem à terra, nas atividades de pastoreio e guarda (GALIBERT et al., 2011). Atualmente, o convívio do ser humano com cães e gatos é um fenômeno de caráter global e configura-se como um dos mais estreitos e intensos vínculos entre espécies. A intensidade dessa relação repercute de forma importante sobre a saúde das pessoas e dos animais, impactando decisivamente o meio ambiente (BEAVER, 2001; FORTALEZA, 2006).

Com o início da urbanização, os cães foram trazidos para as cidades com a função de auxiliar a proteger os domicílios, mas freqüentemente tinham acesso à rua, eram alimentados com restos de alimento humano e o nível de interação com seres humanos era baixo. Após a descoberta de Pasteur sobre a epidemiologia da raiva e sua transmissão pela saliva dos cães contaminados e o crescimento do número de casos de raiva humana a partir da década de 1970 no Estado de São Paulo, iniciou-se a estruturação dos Centros de Controle de Zoonoses, controle de população de cães errantes através de captura e eutanásia e campanha de vacinação contra raiva (BRASSIOLI, 2006; SALLUM; ALMEIDA; MASSAD, 2006). Neste momento, houve pressão para uma maior restrição de movimento de cães, ocasionando proximidade destes com os seres humanos. Paralelamente à redução do espaço dos domicílios, os cães passaram paulatinamente a ter um papel familiar mais definido. Mesmo com o último caso de raiva humana em 1981 e raiva canina em 1983

(comunicação pessoal¹), o município de São Paulo continuou a realizar a captura e eliminação de cães soltos em vias públicas como forma de controle populacional.

Com a verticalização das cidades e convivência cada vez mais próxima, os produtos disponíveis para os animais de companhia se multiplicaram e também a preocupação com o bem estar dos animais. Em 2000, o CCZ-SP desativou a câmara de descompressão (comunicação pessoal²) que utilizava para realizar a eutanásia dos cães recolhidos e passou a fazer este procedimento de modo humanitário. Em 2008, foi promulgada a Lei Estadual 12.916 que dispõe sobre o controle da população de cães e gatos, que proíbe a eutanásia de animais sadios pelos estabelecimentos oficiais e determina que o poder executivo deve promover ações para o controle populacional dos animais de companhia, no Estado de São Paulo.

Hoje, os cães preenchem mais necessidades humanas do que qualquer outra espécie doméstica, contribuindo para melhoria da saúde mental, interações sociais e facilitando a integração da comunidade (AAHA,1995). O aumento da importância dos animais no dia a dia dos seres humanos se reflete na importância econômica que eles passaram a representar: o Brasil é o segundo maior mercado de produtos para animais de companhia do mundo, movimentando onze bilhões de reais no ano de 2010 (ANFALPET, [2011]; SEBRAE, [2011]). Em São Paulo, a população de cães domiciliados é de 2,5 milhões de animais, o que corresponde a cerca de um quarto da população humana (CANATTO, 2010).

Desde que os cães e gatos foram domesticados, o ser humano tornou-se responsável por prover suas necessidades, controlar a sua população, zelar pela sua saúde e bem-estar (ARAMBULO; BERAN; ESCUDERO, 1972; JÖCHLE, 1991). Algumas vezes, o homem não cumpre este papel e como consequência da criação e manejo inadequados desses animais, o contingente de cães e gatos errantes nos centros urbanos aumenta,

---

¹ Informações fornecidas por Noêmia Paranhos, em São Paulo, 2009.

² Informações fornecidas por Noêmia Paranhos, em São Paulo, 2011.

podendo representar um risco para a saúde humana, saúde ambiental e dos próprios animais (NASSAR; FLUKE, 1991; SLATER, 2001; GALETTI; SAZIMA, 2006). As possíveis fontes de animais para a manutenção e crescimento da população de cães errantes são os animais que nascem na rua e, principalmente, os animais que são abandonados ou perdidos e acabam se juntando a esta população (BECK, 1973). Embora o *Canis lupus familiaris* tenha se tornado uma parte importante de nossa sociedade, eles ainda são constantemente descartados por meio do envio para novos lares, abandono em abrigos e centros de controle de zoonoses ou soltos nas ruas (MOULTON; WRIGHT; RINDY, 1991). Nos Estados Unidos, New et al. (2000) determinaram que, dentre os domicílios que haviam deixado de ter um cão no ano de 1996, 22,9% haviam abandonado seus cães. Em Taiwan, a parcela de proprietários de cães que abandonou um cão entre os anos de 1999 e 2004 foi de 20% (WENG et al., 2006)

O controle das populações de cães e gatos é fundamental para promoção da saúde humana, ambiental e animal, para a vigilância epidemiológica e controle das zoonoses e demais agravos envolvendo esses animais (agressões a humanos e acidentes de trânsito, por exemplo) (RUBIN; BECK, 1982; KATO et al., 2003; DALLA VILLA et al., 2010). Controlar a população de cães é um problema que possui muitos determinantes e com necessidade de um modelo participativo de intervenção e não somente do médico veterinário sanitарista ou de órgão público. A parceria com a comunidade nas atividades é essencial, principalmente a promoção da guarda, posse e propriedade responsável dos animais de estimação, que é um ponto importante para reduzir a população de cães errantes (ITEC, 2005).

Uma alternativa à eutanásia para o controle populacional de cães são os programas de esterilização cirúrgica (SLATER, 2001). Estes foram apontados como responsáveis pela

diminuição do problema em determinadas áreas do Estado do Colorado (ARKOW, 1985³ apud FRANK, 2004, p. 110) e também em outras localidades, principalmente quando associado com programas educacionais (HODGE, 1976⁴ apud FRANK, 2004, p. 110). Porém esses procedimentos cirúrgicos seriam mais efetivos se ocorressem antes que o cão pudesse se reproduzir pela primeira vez (KAHLER, 1992). Neste ponto a barreira cultural e de informação é significativa, já que a crença de que um cão ou gato deve reproduzir pelo menos uma vez antes de ser esterilizado ainda é muito difundida (SALMAN, 1998; NEW Jr., 2000; WENG, 2006; SLATER et al. 2008). No Brasil, um programa de controle populacional baseado apenas na esterilização de cães domiciliados teria um efeito questionável se não fosse associado a um programa de incentivo a guarda responsável. O tamanho da população alvo e algumas barreiras culturais tornam difícil atingir a taxa de esterilização de forma a reduzir a oferta excessiva de filhotes e controlar o crescimento populacional. O incentivo a guarda responsável pode gerar demanda pela esterilização, o que tende a reduzir o abandono através da conscientização do proprietário (AMAKU; DIAS; FERREIRA, 2009).

Para que todas estas propostas de controle populacional tenham seu efeito maximizado, atingindo o objetivo de promoção de saúde pública, é necessário que conheça a biologia da espécie em questão. O entendimento da biologia de animais abandonados é pertinente por vários motivos, principalmente por estes estarem expostos a maiores riscos e receberem menos cuidados quando comparados a animais domiciliados, tornando-os mais vulneráveis a aquisição e transmissão de zoonoses (ALVES et al., 2005). Todo estudo ecológico de uma espécie deve começar pela determinação do tamanho de sua população e da densidade populacional, bem como sua distribuição no espaço, principalmente quando há interesse em avaliar a dinâmica de doenças infecciosas nesta população. Uma vez que

---

³ ARKOW, P. S. Animal control, birth control and community education: Impacts on Colorado Springs pet population. In WILSON, A.K.; ROWAN, A. N., **Proceedings of a workshop on animal control**. Tufts Center for Animals, Boston, p. 30-48, 1985.

⁴ HODGE, G. H. The reign of dogs and cats' contemporary concepts of animal control. **Management Information Service Report**, v. 8, n. 10, p. 1-20, 1976.

haja acesso a estes dados ecológicos, a população de cães errantes pode ser utilizada como indicador de deterioração ambiental e indicador epidemiológico de diversas doenças (BECK, 1973). Cães e gatos despertam especial interesse no controle de doenças como a raiva, *larva migrans* cutânea e visceral, leishmaniose visceral e cutânea, febre maculosa, toxoplasmose, leptospirose, entre muitas outras (ACHA; SZYFRES, 1986).

Considerando-se que a população de cães domiciliados é uma fonte importante de animais para a população errante, fatores que afetem o abandono podem ser relevantes para definição de tamanho e distribuição das populações de animais (REECE et al., 2008). Segundo Salman et al. (1998) os ex-proprietários, cujos cães foram entregues a abrigos nos Estados Unidos eram, em sua maioria homens, com média de idade de 38,3 anos, que haviam feito a primeira adoção, que tinham criança em casa e que haviam adotado o cão para a criança. Os animais com maior risco de estarem em abrigos eram animais não esterilizados, adquiridos em abrigo, conseguidos a baixo custo ou custo zero, antes dos três anos de idade, que passavam mais tempo no quintal do que dentro de casa e que tinham problemas de comportamento. Segundo New et al. (2000), pessoas que abandonaram cães têm maior chance de serem homens, antes do 50 anos e de não terem alcançado nível educacional além do ensino médio. Kidd, Kidd e George (1992⁵, apud SALMAN et al., 2000, p. 222) definiram o perfil daqueles que abandonaram animais adotados em um abrigo antes dos seis meses de posse como sendo pessoas em primeira adoção, homens, com criança em casa e mais jovens do que os que mantiveram seus cães. Quanto à idade na adoção, Salman et al. (1998) encontrou uma associação entre animais adotados depois dos seis meses e abandono, enquanto Weng et al. (2006) encontrou associação inversa: quanto mais jovem o cão adotado, maior a chance de insucesso na adoção. Além da idade do cão adotado dentre os fatores pré-aquisição estudados, Weng et al. (2006) encontrou como forte

---

⁵ KIDD, A. H.; KIDD, R. M.; GEORGE, C. C. Successful and unsuccessful pet adoptions. **Psychological Reports**, v. 70, p. 547-561, 1992

determinante de abandono que o proprietário do cão tenha história prévia de abandono de outro cão. Além disto, o tempo médio de posse dos cães abandonados foi de 2 anos.

Nos Estados Unidos, as causas referidas para abandono de cães em abrigos foram, em primeiro lugar, problemas comportamentais dos animais (46,8% dos casos) e em segundo lugar, mudanças na disponibilidade de espaço ou nas regras de conduta social do espaço ocupado pelo ser humano (29,1%). Ainda como causas importantes de abandono, consta o estilo de vida do proprietário do cão (25,4%), a diferença entre o que era esperado ou para que se estava preparado e a realidade ao zelar por um cão (14,6%) (SALMAN et al., 1998). Em Taiwan, dentre os fatores pós-aquisição, aqueles de maior associação com abandono também foram problemas comportamentais dos animais. Neste mesmo estudo, foi observada a associação do insucesso na posse com outros fatores, tais como a motivação da posse (adquiriu o cão porque acha ele “fofo”) ou a falta de conhecimento sobre os animais (acreditar que se deve reproduzir o cão antes de esterilizar) (WENG et al., 2006). Nos Estados Unidos, cães com maior risco de abandono foram cães machos, fêmeas não esterilizadas, cães antes dos dois anos de idade, sem raça definida, com tempo de posse inferior a dois anos, adquiridos a baixo ou nenhum custo e que morderam um pessoa no último mês. Quanto maior a frequência com que os cães sujavam a casa, provocavam estragos ou eram hiperativos ou medrosos também aumentava o risco de abandono (NEW Jr. et al., 2000). Já segundo Patronek et al. (1996⁶, apud SALMAN et al., 1998, p. 221), os cães com maior risco de abandono eram aqueles obtidos a baixo ou nenhum custo, não esterilizados, acima dos 6 meses na aquisição, que passavam a maior parte do dia no quintal e demandavam mais trabalho do que o esperado na aquisição. Os fatores protetores para abandono foram cuidado veterinário regular e participação em aulas de obediência (PATRONEK et al. 1996⁷, apud SALMAN et al. 1998, p. 221).

---

^{6, 7} PATRONEK, G. J.; GLICMAN, L. T.; BECK, A. M.; MCCABE, G. P. ECKER, C. Risk factors for relinquishment of dogs to an animal shelter. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 209, p. 572-581, 1996.

No Brasil não existem abrigos com capacidade suficiente para receber os cães abandonados e redirecioná-los para adoção. O proprietário decidido a abandonar, pode soltar seu animal na rua, como forma de se desfazer da responsabilidade sobre ele e esperando que ele seja encontrado por algum interessado em mantê-lo ou encaminhá-lo para adoção. Desta forma, o contingente de animais errantes cresceria continuamente.

Nas ruas estes animais ficam expostos a contaminação e transmissão de zoonoses e acabam adotando um comportamento de sobrevivência peculiar, que inclusive difere do seu ancestral de vida livre. Beck (1973) observou que os cães errantes raramente formam grupos, pois sozinhos são mais eficientes na busca de recursos e mais tolerados pelos humanos, oposto ao comportamento dos lobos, que costumam viver em grupos familiares. Daniels (1983) observou que a competição por abrigos é rara e áreas comerciais e industriais proporcionam pouco abrigo aos cães errantes, que preferem se abrigar em becos, sob ou dentro de veículos, em escadas e varandas ao invés de em construções abandonadas. A flutuação na disponibilidade de alimentos não afeta a sociabilidade dos cães errantes, que tendem a ser mais sociáveis do que cães domiciliados sem restrição de movimento. Entretanto, evitam reunir-se em torno de uma fonte de alimento como lixo, independente da quantidade de lixo no local (RUBIN; BECK, 1982; BERMAN; DUNBAR, 1983; DANIELS, 1983).

É importante definir quais fatores ligados ao abandono afetam (e se afetam) a presença e a fixação de populações de cães errantes em determinadas áreas, ou se a presença dos cães depende exclusivamente da disponibilidade de alimento, abrigo e água.

JUSTIFICATIVA

---

2 JUSTIFICATIVA

O conhecimento acerca de uma população animal errante é essencial para o planejamento de ações de prevenção de zoonoses e outras ações em Saúde Pública. A realização de um censo desta população é de difícil execução, se não impraticável. Associar a ocorrência de cães errantes com outros dados que podem ser obtidos com maior facilidade possibilita não só aproximar a distribuição destes animais em um área, como definir locais prioritários para intervenção.

OBJETIVOS

---

3 OBJETIVOS

Nesta seção estão listados os objetivos do presente trabalho.

3.1 Objetivo geral

Avaliar os fatores socioeconômicos, ambientais e demográficos que podem estar associados com a presença de cães errantes.

3.2 Objetivos específicos

- ✓ Estratificar os distritos administrativos do município de São Paulo quanto à probabilidade de presença de animais errantes nas ruas, provenientes de abandono, com base na literatura científica especializada;
- ✓ Definir áreas para estudo com base na estratificação proposta;
- ✓ Estimar o tamanho da população dos cães errantes em cada área de estudo através de método utilizado para dimensionamento de populações de animais de vida livre;
- ✓ Avaliar os fatores de risco associados à presença de cães errantes nas áreas estudadas;

- ✓ Comparar estes fatores de risco com os utilizados para a realização da estratificação dos distritos administrativos do município, de modo a verificar a concordância destes fatores aos pesquisados internacionalmente.

MATERIAIS E MÉTODOS

---

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Para fins desse estudo, animal errante foi definido como o animal sem restrição de movimentos e sem supervisão direta do ser humano, que encontra-se em propriedade pública, dependente ou não do ser humano para a sua sobrevivência, podendo ou não ser aceito pela comunidade.

4.1 Escore de potencial de abandono de cães

Partindo da pressuposição de que a população de cães errantes esteja distribuída de forma heterogênea na cidade e que o principal aporte de indivíduos para esta população seja a população domiciliada, através de abandono, foram selecionadas variáveis para a criação de um escore de “potencial de abandono” com base em informações de literatura (SALMAN, 1998; NEW Jr. et. al. 2000; WENG et al., 2006). Neste escore foram incluídos indicadores referentes à população humana (SINAN, 2008; FSP, 2009) e população canina da cidade de São Paulo (CANATTO, 2010). O objetivo do escore foi estratificar as áreas de estudo e verificar se estes estariam associados com a distribuição de cães errantes.

De acordo com a disponibilidade de dados, foi criado um escore capaz de classificar os 96 distritos administrativos (DAs) da cidade de São Paulo, quanto ao potencial de abandono de cães.

Os componentes do escore foram:

- ✓ Notificações de agressão por cães (SINAN, 2008), dividido pela população de cães do distrito (CANATTO, 2010);
- ✓ Frequência de cães recebidos como presente (CANATTO, 2010);

- ✓ Frequência de manutenção de cães no interior do domicílio (CANATTO, 2010);
- ✓ Frequência de proprietários que pretendem diminuir o número de cães (CANATTO, 2010);
- ✓ Número médio de pessoas por domicílio (CANATTO, 2010);
- ✓ Número médio de cães por domicílio (CANATTO, 2010);
- ✓ Proporção de fêmeas na população canina (CANATTO, 2010)
- ✓ Proporção de cães esterilizados (CANATTO, 2010);
- ✓ Proporção de cães mantidos sob restrição de movimento (CANATTO, 2010);
- ✓ Proporção de cães adquiridos sem custo (CANATTO, 2010);
- ✓ Idade média da população humana (FSP, 2009);
- ✓ Proporção da população humana com nível superior completo (FSP, 2009);
- ✓ Proporção de pessoas que viajam mais que uma vez por mês (FSP, 2009).

Por apresentarem valores quantitativos, cada uma das variáveis foi normalizada antes de compor o escore. As variáveis consideradas fatores de risco foram normalizadas pela Equação 1 e as variáveis consideradas fatores de proteção pela Equação 2.

$$Vnr = \frac{V - V_{min}}{V_{max} - V_{min}} * 100 \quad (1)$$

$$Vnp = \frac{V - V_{max}}{V_{min} - V_{max}} * 100 \quad (2)$$

Onde: Vnr = valor normalizado do fator de risco para um determinado DA,

Vnp = valor normalizado do fator protetor para um determinado DA,

V = valor não normalizado da variável para o mesmo DA,

V_{min} = valor mínimo observado da variável no conjunto de todos os DAs

V_{max} = valor máximo observado para esta variável no conjunto de DAs.

Desta forma, todos os componentes do escore variam de zero a 100, tendo peso igual no escore final (E), produzido pela Equação 3:

$$E = \frac{\sum_1^N v_n}{N} \quad (3)$$

Onde: N = número total de variáveis normalizadas.

Desta forma, quanto maior o escore, maior o risco de abandono na área.

O N foi 13 para todos os distritos administrativos, exceto Pedreira e Cidade Ademar, que tiveram $N = 10$, devido a indisponibilidade da frequência de cães recebidos como presente, frequência de manutenção de cães no interior do domicílio e frequência de proprietários que pretendiam diminuir o número de cães.

Foi criado um mapa coroplético do escore de potencial de abandono de cães nos distritos administrativos do Município de São Paulo. Baseando-se nos valores dos escores de potencial de abandono obtidos, foram criadas três categorias de acordo com os tercís: (a) o primeiro tercil delimitou uma região com potencial de abandono baixa, (b) o segundo tercil, uma região com potencial de abandono média e (c) o terceiro tercil, uma região com potencial de abandono elevada.

Em cada uma das três regiões definidas pelo escore de potencial de abandono (baixa, média e elevada) foram selecionadas duas áreas de estudo. A seleção da amostra foi feita por conveniência, atendendo aos seguintes critérios de inclusão:

- ✓ Áreas fechadas ou delimitadas por muros, grandes avenidas, córregos ou corpos d'água, com o intuito de reduzir o trânsito de entrada e saída de animais.
- ✓ Tamanho adequado para ser percorrido a pé para realização de questionário e rapidamente percorrido de carro, durante a contagem de cães.
- ✓ Segurança para o deslocamento e manuseio de câmeras fotográficas, sem expor a segurança pessoal dos participantes.

4.2 Método de Contagem de Cães

Para contagem dos cães errantes, foram realizadas quatro visitas em cada área: duas pela manhã e duas à tarde, em dois dias diferentes exceto na área 3 (Jardim Cibeles), onde foram realizadas três visitas pela manhã e uma à tarde, em três dias diferentes. Estas visitas foram realizadas em dias não chuvosos, entre as 9 e as 11 horas e entre as 15 e 17 horas. Estes horários foram escolhidos de forma a maximizar a probabilidade de avistamento dos cães (BECK, 1973).

Cada visita compreendeu percorrer a área de carro e, onde isso não se fazia possível, a pé. As visitas foram realizadas por, no mínimo duas pessoas, o condutor do veículo e um segundo ocupante, encarregado de avistar os cães errantes, fazer o registro fotográfico e a resenha de cada animal. Um dos participantes esteve presente em todas as visitas, para minimizar as diferenças de observador.

O percurso foi definido de forma que todas as ruas dentro da área fossem percorridas ao menos uma vez, sendo eventualmente necessário refazer o trajeto em algumas das ruas ou mesmo sair da área de estudo devido ao sentido de circulação de tráfego. A velocidade do carro, enquanto procurando pelos cães, foi reduzida para em torno de 15 km/hora. Em todas estas visitas as características ambientais como arborização, quantidade de entulho, terrenos desocupados, construções abandonadas, praças, lixo e presença de alimento para cães foram observadas.

Em cada avistamento de cães foi realizado registro fotográfico e resenha composta por gênero do animal, características de pelagem, porte e outras observações do estado de saúde em geral, se o animal estava esterilizado (no caso de machos) e a formação de grupos. Quando havia pessoas no local, estas eram indagadas se o animal tinha dono e era solicitada autorização para fotografá-lo. O registro fotográfico foi realizado com enquadramento mais próximo possível, de forma a abranger todo o corpo do animal e em

mais de uma posição, priorizando a evidência de características únicas, que facilitassem a identificação deste animal em um encontro posterior.

Após as visitas, as fotografias e anotações de uma mesma área eram comparadas entre si e com a visita anterior. Desta forma, foi definido o número total de cães encontrados em cada visita, o número de animais que foram contados mais de uma vez em uma mesma visita e em visitas anteriores (recontagens).

Foram considerados errantes todos os cães avistados soltos em via pública, sem supervisão humana. Os cães encontrados soltos em via pública na proximidade de pessoas foram considerados domiciliados sempre que esta pessoa afirmou que o cão possui um responsável único em um domicílio da área.

O número de cães em uma área foi estimado pelo método de recaptura fotográfica modificado de Beck (1973), baseado na lógica da diluição de La Place. A fórmula utilizada foi para o cálculo foi a Equação 4:

$$K = \sum_1^n \frac{T_i P_i}{R_i + 1} \quad (4)$$

Onde: K é a estimativa da população de cães da área;

T_i = total de cães encontrados em uma visita;

R_i = número de cães encontrados em uma visita que já haviam sido encontrados (recapturas);

$P_i = T_i - R_i$ ou o número de cães encontrados pela primeira vez em uma visita;

n = número de visitas realizadas em cada área.

4.3 Questionário

Foi elaborado um questionário com o objetivo de verificar a associação de características relacionadas com abandono e capacidade de suporte de ambiente com a presença de animais errantes nas áreas de estudo.

Durante o processo de desenvolvimento, o questionário foi testado quanto a sua duração e conteúdo, sendo aplicado em voluntários do Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal da FMVZ – USP e, posteriormente, em clientes do Hospital Veterinário da FMVZ – USP. Foi observado se as alternativas de resposta oferecidas no formulário estavam adequadas, se o tempo de resposta era razoável (menor do que 10 minutos para cada respondente), se as perguntas não causavam constrangimento ou produziam respostas obviamente inverídicas. As questões foram alteradas de modo a eliminar estes problemas e reduzir ao máximo o conteúdo. Por fim, foi criada uma diagramação que reduzisse o uso de papel. O questionário final foi levado a campo em uma área piloto, onde novamente o tempo de resposta foi avaliado. Nesta fase final foi avaliado o uso de meio eletrônico de coleta de dados (palmtop), com o objetivo de reduzir o tempo e o erro decorrente da digitação de questionários preenchidos em papel.

O questionário final pode ser dividido em três partes principais, sendo a primeira e a última aplicadas a todos os domicílios e a segunda parte apenas aos domicílios que possuíam cães:

- ✓ Informações do domicílio e da entrevista: informações operacionais da entrevista, o tipo de domicílio e os animais que possui;
- ✓ Informações dos cães do domicílio: características individuais dos cães, a forma de aquisição, vacinação, problemas de comportamento, moradia e restrição de movimento, reprodução, características do responsável pelo cão e relação da família com o cão;

- ✓ Informações complementares: cães que não estão mais na residência, cães errantes, manejo do lixo e características de cada família.

A aplicação dos questionários foi realizada por quatro pós-graduandos da Universidade de São Paulo (USP), após receberem orientação sobre o objetivo do questionário e de cada questão, a forma correta de preenchimento do formulário, a forma adequada de apresentar cada questionamento (Anexo A). Cada pós-graduando acompanhou algumas entrevistas *in loco* e teve suas entrevistas iniciais acompanhadas, para sanar dúvidas que pudessem surgir ao longo do trabalho.

O formulário foi respondido através de entrevista pessoal, realizada na porta dos domicílios. O pesquisador foi orientado a estabelecer contato com os moradores, identificando-se com carteirinha da Universidade de São Paulo, apresentando-se, explicando o objetivo da entrevista e solicitando a colaboração dos moradores.

Foram aplicados 20 questionários em cada área de estudo, utilizando amostragem sistemática aleatória. Definimos o intervalo de residências para cada região baseado no número de domicílios estabelecidos por fotografia aérea (GOOGLE, 2010). As entrevistas ocorreram durante a semana, em horário comercial. Regiões que apresentaram dificuldade de aplicação dos questionários durante a semana, foram visitadas também durante o final de semana.

4.4 Análise

Para avaliar os resultados do questionário, foi realizada a análise descritiva dos dados coletados por área, com a frequência absoluta, relativa e o intervalo de confiança das variáveis qualitativas. As frequências e médias relativas à totalidade da amostra foram ponderadas pelo número de domicílios e de animais nas áreas de estudo e as medianas

foram calculadas sem ponderação. As variáveis quantitativas foram testadas quanto a sua distribuição (utilizando-se o teste de Kolmogorov-Smirnov) e aquelas que possuem distribuição normal foram descritas pela média e desvio padrão para cada área de estudo. As variáveis com distribuição diferente da normal foram descritas pela mediana e intervalos interquartis.

As frequências das variáveis qualitativas referentes aos domicílios e aos cães dos domicílios foram comparadas entre as áreas de estudo através de teste de qui-quadrado. As variáveis quantitativas foram comparadas através de análise de variância simples com *post-hoc* Tukey (caso a distribuição das variáveis fosse normal) ou através do teste de Kruskal-Wallis com *post-hoc* Mann-Whitney (no caso de distribuição normal).

As frequências das variáveis qualitativas nas áreas com presença de cães errantes foram comparadas às áreas sem presença de cães errantes através do teste de qui-quadrado ou teste exato de Fischer, quando necessário. Para as variáveis quantitativas, foi utilizado o teste de Mann-Whitney (caso a distribuição das variáveis não fosse normal) ou teste t (no caso de distribuição normal).

As variáveis que apresentaram níveis de significância menores que 20% ($p < 0,20$) quando comparadas áreas com e sem presença de cães errantes, foram submetidas a uma análise múltipla, de regressão logística, pelo método *forward selection*. Foram criados dois modelos, um para as variáveis do questionário referentes aos domicílios e outro para aquelas referentes aos cães. As variáveis quantitativas foram categorizadas utilizando-se as medianas como ponto de corte e as qualitativas com mais de duas categorias foram agrupadas, quando possível, pela lógica biológica e foram adicionadas ao modelo em ordem crescente do nível de significância.

Em ambos os modelos, foram mantidas apenas as variáveis que apresentaram beta significativo ($p < 0,05$). As variáveis que, ao serem adicionadas ao modelo, ocasionaram mudanças maiores que 10% no beta de alguma das demais variáveis não foram mantidas.

O número estimado de cães domiciliados na área de estudo foi definido pela razão cão:domicílio obtida através do questionário aplicado. O número de domicílios com cães na

área foi obtido multiplicando-se a proporção de domicílios com cão observada na amostra pelo número de domicílios que cada um representa na área de estudo (dividindo-se o número de residências da área por 20).

As análises foram realizadas no programa de computador SPSS 9.0.

RESULTADOS

---

5 RESULTADOS

Os 96 distritos administrativos (DAs) do município de São Paulo foram classificados de acordo com o escore de potencial de abandono criado (Figura 1).

Fonte: (GUILLOUX, 2011)

Figura 1 – Escore de potencial de abandono dos distritos administrativos do município de São Paulo – São Paulo – 2010

5.1 Descrição das áreas de estudo

As seis áreas de estudo selecionadas na cidade de São Paulo foram localizadas em um mapa (Figura 2).

As características das áreas de estudo estão nas tabelas 1 e 2.

Tabela 1 – Área, extensão de ruas e extensão do percurso realizado nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

Local	Área (mil m ²)	Ruas (Km)	Percurso (Km)
1. Assunção	151	3,56	4,10
2. Barra Funda	83	2,54	4,14
3. Jardim Cibebe	78	2,36	3,11
4. Jockey	63	1,76	2,14
5. Pinheiros	103	2,64	3,60
6. Vila Sônia	78	2,03	2,55

Tabela 2 – Número de domicílios e o intervalo de domicílios utilizado para amostragem sistemática aleatória nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

Local	Domicílios	Intervalo
1. Assunção	386	20
2. Barra Funda	147	8
3. Jardim Cibebe	401	20
4. Jockey	77	5
5. Pinheiros	327	17
6. Vila Sônia	276	12

Fonte: (GUILLOUX, 2011)

Figura 2 – Mapa da localização das áreas de estudo na cidade de São Paulo – São Paulo – 2011

5.1.1 Área 1 – Assunção

A área apresenta um grande desnível entre a Av. Nossa Senhora da Assunção e a Av. Corifeu de Azevedo Marques, com terrenos em obras de pequeno porte (domicílios que serão adaptadas para receber estudantes, devido à proximidade com o Campus da Universidade de São Paulo – USP). Algumas das calçadas são muito estreitas, assim como as ruas. Há duas praças na área de estudo, além de um terreno desocupado e não cercado, casas e prédios baixos, de dois ou três andares e uma escola pública. Em uma oportunidade foi observado lixo em sacos fechados na calçada (Figura 3). Foi comum encontrar calçadas mal cuidadas e presença de material de construção em alguns pontos, mas sem lixo espalhado. A área compreende uma “vila” com entrada de carros controlada, porém, com entrada livre para pedestres, sem cerca, guarita ou portão. Na Av. Corifeu de Azevedo Marques, o lado oposto ao da área de estudo é delimitado pelo muro da USP. À sudeste, o muro de um condomínio de prédios delimita a área e a noroeste, o muro do depósito de uma indústria farmacêutica. A Av. Nossa Senhora da Assunção não possui canteiro central, mas é bastante movimentada, inclusive com tráfego de ônibus. A ocupação do espaço nesta avenida é dividida entre pequenos comércios e domicílios, já na Av. Corifeu de Azevedo Marques, a ocupação é basicamente comercial, com imóveis de maior porte, porém térreos ou com dois andares. Excetuando-se as praças, a presença de árvores grandes que forneçam sombra é rara. A empresa Loga realiza coleta de lixo três vezes por semana na área, no período diurno, enquanto a varrição das ruas é feita duas vezes por semana também durante o dia (SÃO PAULO, [2011]).

Nesta área foi observada presença de cães errantes, porém as recontagens não eram freqüentes, configurando-se apenas como uma área de passagem, mas não de permanência dos cães. A população estimada foi de 12 cães sem supervisão (IC = 0; 41). Foram observados também dois cães domiciliados soltos na rua.

Fonte: (GUILLOUX, 2011)

Figura 3 – Foto de cão buscando alimento no lixo depositado na calçada, na Assunção – São Paulo – 2010

5.1.2 Área 2 – Barra Funda

O limite norte da área é a Av. Francisco Matarazzo, ao sudeste a Av. Antártica e o Viaduto Antártica, todos com intenso movimento de automóveis, ônibus e caminhões e imóveis comerciais de grande porte. À oeste, a Rua Padre Antonio Tomás, que tem um de seus lados totalmente fechado pelo muro do estádio Palestra Itália, que se encontrava em reforma. Na esquina da Av. Francisco Matarazzo com a Rua Padre Antônio Tomás há uma praça com muitas árvores e cercada por tela. Nesta área, há uma grande quantidade de edifícios residenciais, entremeados por restaurantes em grande quantidade. As casas que ainda restam na região em sua maioria são utilizadas para fins comerciais, como escritórios, consultórios e salões de beleza. Há um número considerável de imóveis fechados, com os

jardins e calçadas sem cuidados, principalmente na Rua Embaixador Leão Veloso, em frente a um centro comercial de grande porte.

Nesta área foi encontrado lixo mal acondicionado e os moradores referiram problemas com pessoas que abrem os sacos em busca de material de reciclagem ou comida. Os restaurantes que não acondicionam adequadamente seu lixo também foram citados. A coleta de lixo é realizada pela empresa Loga de segunda a sábado, no período noturno, enquanto a varrição ocorre nos mesmos dias, porém no período diurno (SÃO PAULO, [2011]).

Nesta área não foram observados cães errantes, ou mesmo potes de ração destinados a estes, nem mesmo cães domiciliados soltos.

5.1.3 Área 3 – Jardim Cibeles

O acesso a área se dá pela Av. Jacu-Pêssego/Nova Trabalhadores e seu limite leste é a Rua Hirovo Kaminobo. Ao norte e ao sul, os limites são as ruas Alfredo Castalani e Tomoichi Shimizu, respectivamente. A área é um fragmento urbano cercado de extensas áreas verdes. Há uma mistura de domicílios novos ou em reforma, casas assobradadas e domicílios humildes em más condições de conservação. O calçamento das ruas é precário e o aclive das ruas é acentuado em direção a Rua Hirovo Kaminobo. Há muitas áreas desocupadas e sem cercamento e em algumas delas havia lixo em pequena quantidade, acúmulo de entulho e material de construção nas calçadas que são estreitas e com muitos desníveis, mas sem lixo. No acesso à área há um hospital e no extremo leste, um colégio e o ponto final de uma linha de ônibus. Entre os domicílios há pequenos comércios, como lojas de roupas ou lanchonetes. Muitos moradores comentaram o episódio de febre maculosa ocorrido em 2009, que levou a óbito duas crianças na área. Foi comentada também a existência de cães errantes visivelmente doentes, o que aparentemente não inibia

as crianças de manipulá-los ou os moradores de liberarem seus cães na rua. Foram relatados casos de maus tratos e violência com animais, bem como indicados locais onde ocorre abandono nas proximidades. Foi citado também o trabalho da prefeitura no sentido de esterilizar os cães da área, inclusive os cães sem supervisão. A coleta de lixo é realizada três vezes por semana pela empresa Ecourbis, durante o dia, porém, não há varrição periódica das ruas desta área (SÃO PAULO, [2011]).

Nesta área o número de cães errantes foi elevado. Os moradores relataram conhecer os cães errantes que transitam na região e nas calçadas havia um grande número de potes de comida e água (Figura 4). O número estimado de cães foi 96 animais (IC = 32; 159). Também foram contados cinco cães domiciliados que estavam soltos na rua.

Fonte: (GUILLOUX, 2011)

Figura 4 – Foto de cão descansando sob um desnível na calçada próximo à um pote de comida, onde já foi colocado um anteparo na porta de entrada, no Jardim Cibeles – São Paulo – 2011

5.1.4 Área 4 – Jockey

Área residencial constituída de casas e sem prédios residenciais, com ruas planas e sem praças, mas com calçadas de tamanho adequado para a circulação. Na Av. Prof. Lineu de Paula Machado há apenas imóveis comerciais de grande porte (bancos, lojas de móveis etc.), sem domicílios e nas demais ruas apenas imóveis residenciais, todos cercados e, não raro, com muros altos. Praticamente todas as ruas contavam com vigias em guaritas, os quais abordaram os pesquisadores quando da realização das entrevistas. Estes relataram não avistar cães errantes, apenas gatos. Não foi observado lixo espalhado nas ruas, nem entulho acumulado. A área é delimitada ao norte – noroeste pelo muro do Jockey Clube e ao sul – sudeste pela avenida já citada, de intenso movimento. Tanto a coleta de lixo como a varrição da rua são realizadas durante o dia, três vezes por semana, pela empresa Loga (SÃO PAULO, [2011]).

Nesta área não foram contados cães errantes. Entretanto, foram observados potes de comida, destinados aos gatos não domiciliados, segundo relato dos vigias. Um cão sem supervisão foi observado uma única vez, durante a aplicação dos questionários, saindo da área.

5.1.5 Área 5 – Pinheiros:

Esta área é limitada a oeste pela Av. Nações Unidas (Marginal Pinheiros) altura da ponte Bernardo Goldfarb e ao sul pela Rua Butantã, duas vias de intenso tráfego de carros, ônibus e caminhões. Ao norte pela Rua Paes Leme e a leste pela Rua Bruno Simoni. As ruas e as calçadas são estreitas e não há praças. Na quadra da Av. Marginal, há uma obra de grande porte. No restante do espaço há uma mistura de comércio de pequeno porte e

domicílios, alguns escritórios e um condomínio comercial. Muitas casas assobradadas, com paredes contíguas. Há pelo menos três “vilas” com acesso restrito aos moradores e fechadas com grades. Há pouca vegetação nas ruas. Alguns moradores citaram problemas com uma pessoa em especial, que adota muitos cães e os deixava sair na rua para defecar, sem recolher os dejetos. Na calçada citada havia dejetos de cão, mas sem lixo ou entulho, apesar do aspecto empoeirado de grande parte da área, em consequência das obras de grande porte em andamento. A coleta de lixo é realizada de segunda a sábado à noite, assim como a varrição das ruas, pela empresa Loga (SÃO PAULO, [2011]).

Em uma das visitas foi encontrado um pote de comida em uma rua de pouco movimento, mas não foram observados cães na rua.

5.1.6 Área 6 – Vila Sônia

A área é delimitada ao sul e a oeste pelo muro do recém construído pátio da estação de metrô Vila Sônia. Ao norte, há a Av. Eliseu de Almeida e a leste, a Rua Cânio Rizzo. A área possui pequenas ondulações de terreno, a maior parte das casas possui paredes justapostas. Algumas vias possuem arborização abundante, como a Av. Imigrante Japonês e outras possuem menos arborização. Dentro desta área há duas praças, uma junto da Av. Eliseu de Almeida e outra na Av. Imigrante Japonês. A área a leste da Rua Cânio Rizzo possui um muro em quase toda a sua extensão. Apenas junto a Av. Eliseu de Almeida há um imóvel grande. Toda área é residencial. Há poucos imóveis comerciais, incluindo um posto de gasolina, uma empresa de segurança e um colégio. Muitas vezes foi citada a presença de ratos e dificuldade no controle de pulicose nos cães, fato que se iniciou juntamente com as obras do pátio Vila Sônia do Metrô. Apesar de algumas calçadas terem aspecto de pouca limpeza, não foi observado lixo acumulado ou espalhado que justifique as queixas de presença de ratos. As praças tinham aspecto de abandono, com grama alta, mas

sem entulho ou lixo. A coleta de lixo pela empresa Loga é realizada três vezes por semana, durante o dia, enquanto a varrição acontece apenas duas vezes por semana, também diurna (SÃO PAULO, [2011]).

Nesta área não foram observados cães errantes, apenas um cão solto sob supervisão humana.

5.2 Descrição das observações de cães errantes e domiciliados

As frequências de domicílios com cão e número de cães por domicílios variam entre as áreas e estão descritas na Tabela 3.

Tabela 3 – Descrição da distribuição e tamanho da população de cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

Local	Frequência de domicílios com cão	Número de cães na amostra	Razão cão: domicílio com cão	Razão cão:domicílio	Número de cães domiciliados	Densidade de cães (por mil m ²)
1. Assunção	7 (35%)	9	1,29	0,45	174	1,15
2. Barra Funda	4 (20%)	5	1,25	0,25	37	0,45
3. Jardim Cibeles	10 (50%)	18	1,80	0,90	361	4,63
4. Jockey	8 (40%)	14	1,75	0,70	54	0,86
5. Pinheiros	5 (25%)	9	1,80	0,45	147	1,43
6. Vila Sônia	9 (45%)	13	1,44	0,65	179	2,29

Durante as observações, o número máximo de cães errantes em um mesmo grupo foi cinco, tendo sido observados quatro grupos, um deles em frente a uma residência onde havia uma fêmea domiciliada aparentemente no cio. Não foi observada nenhuma cópula. Os cães foram observados com maior frequência em situação de repouso e com menor frequência em deslocamento no Jardim Cibeles, enquanto na Assunção não observamos cães em repouso, apenas em deslocamento. Os locais de repouso dos cães observados

foram as calçadas, próximo a fonte de alimento e água (potes colocados para esta finalidade) e na rua sob os carros estacionados. A descrição das horas de observação e número de cães avistados em cada área estão nas tabelas 4 e 5.

Tabela 4 – Dados de observações de cães errantes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

Local	Tempo de observação (minutos)	Número de cães errantes avistados	Número de cães errantes estimados	Número de visitas realizadas – número de dias de visita
1. Assunção	140	5	12	4 – 2
2. Barra Funda	120	0	0	4 – 2
3. Jardim Cibebe	240	30	96	4 – 3
4. Jockey	100	0	0	4 – 2
5. Pinheiros	120	0	0	4 – 2
6. Vila Sônia	120	0	0	4 – 2

Tabela 5 – Abundância de cães errantes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

Local	Número estimado de cães/1000 m ²	Número estimado de cães/Km de ruas	Número estimado de cães/horas de observação
1. Assunção	0,08	3,37	5,15
3. Jardim Cibebe	1,23	40,68	24,00

5.3 Análise Descritiva

O tipo de domicílio mais freqüente nas áreas estudadas foi casa com quintal (69,2%, IC95% = 66,3% – 76,8%), seguido por comércio (18,7%, IC95% = 12,3% – 27,2%), casa sem quintal (7,5%, IC95% = 3,7% – 17,7%) e, finalmente, apartamento (4,6%, IC95% = 2,9% – 7,2%). Nas tipologias casa sem quintal e comércio não houve diferença de freqüência entre as áreas de estudo. Na tipologia casa com quintal, as áreas Barra Funda e Jardim Cibebe apresentaram as menores freqüências, sendo que esta última apresentou freqüência semelhante às demais áreas. Quanto aos apartamentos, a maior freqüência foi observada na Barra Funda. Nas áreas Assunção, Jockey e Vila Sônia a tipologia de

domicílio mais freqüente foi casa com quintal. Na Barra Funda, as tipologias mais freqüentes foram apartamento, comércio e casa com quintal, sendo que as duas últimas apresentaram freqüência semelhante à tipologia casa sem quintal. No Jardim Cibeles, as tipologias mais freqüentes foram casa com quintal, casa sem quintal e comércio, sendo que as duas últimas apresentaram freqüência semelhante à tipologia apartamento. Em Pinheiros, as tipologias mais freqüentes foram casa com quintal e comércio, sendo a última semelhante às demais ($p < 0,001$) (Tabela 6).

Nas áreas estudadas (totalidade da amostra), não houve diferença entre a freqüência de domicílios sem animais de estimação (56,6%, IC95% = 46,6% – 66%) e com animais de estimação (43,4%, IC95% = 34% – 53,4%). Da mesma forma, não houve diferença nas freqüências de posse de animais entre as áreas ($p = 0,154$). A Barra Funda foi a única área onde a freqüência de domicílios com animais foi significativamente inferior a domicílios sem animais (Tabela 7).

Nas áreas estudadas, a freqüência de domicílios sem cães (62,7%, IC95% = 52,7% – 71,8%) foi maior que a de domicílios com cães (37,3%, IC95% = 28,2% – 47,3%). Não houve diferença das freqüências de domicílios com cães entre as áreas ($p = 0,323$). Na Barra Funda e em Pinheiros, a freqüência de domicílios com cães foi inferior a domicílios sem cães (Tabela 8).

A média de cães por domicílio com cão foi de 1,58 animais nas áreas de estudo e não houve diferença entre as médias das áreas ($p = 0,725$) (Tabela 9).

Nas áreas estudadas, a freqüência de domicílios sem gatos (89,5%, IC95% = 81,3% – 94,4%) foi maior que a de domicílios com gatos (10,5%, IC95% = 5,6% – 18,7%), porém não houve diferença entre as áreas ($p = 0,260$) (Tabela 10) e não houve diferença na distribuição do número de gatos por domicílio com gato ($p = 0,133$) (Tabela 11).

Tabela 6 – Frequência de tipologia de domicílio nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Casa sem quintal	N	0	0*	6* [#]	0	0*	0	6* [#]
	% na coluna	0,0	0,0	30,0	0,0	0,0	0,0	7,5
		(0,0; 17,65)	(0,0; 16,84)	(11,89; 54,28)	(0,0; 16,84)	(0,0; 16,84)	(0,0; 16,84)	(3,7; 14,7)
Casa com quintal	N	17 ^{a*}	3 ^{b*#}	11 ^{ab#}	15 ^{a*}	13 ^{a#}	19 ^{a*}	78
	% na coluna	89,5	15,0	55,0	75,0	65,0	95,0	69,2
		(66,86; 98,70)	(3,21; 37,89)	(31,53; 76,94)	(50,90; 91,34)	(40,78; 84,61)	(75,13; 99,87)	(66,3; 76,8)
Apartamento	N	0	10 ^{c#}	0*	0	0*	0	10* [#]
	% na coluna	0,0	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,6
		(0,0; 17,65)	(27,20; 72,80)	(0,0; 16,84)	(0,0; 16,84)	(0,0; 16,84)	(0,0; 16,84)	(2,9; 7,2)
Comércio	N	2	7* [#]	3* [#]	5	7* [#]	1	25*
	% na coluna	10,5	35,0	15,0	25,0	35,0	5,0	18,7
		(1,30; 33,14)	(15,39; 59,22)	(3,21; 37,89)	(8,66; 49,10)	(15,39; 59,22)	(0,13; 24,87)	(12,3; 27,2)
Total	N	19	20	20	20	20	20	119

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 7 – Frequência de domicílios com animais de estimação nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	11	16	8	11	14	11	71
	% na coluna	55,0	80,0	40,0	55,0	70,0	55,0	56,6
		(31,53; 76,94)	(56,34; 94,27)	(19,12; 63,95)	(31,53; 76,94)	(45,72; 88,11)	(31,53; 76,94)	(46,6; 66)
Sim	N	9	4*	12	9	6	9	49*
	% na coluna	45,0	20,0	60,0	45,0	30,0	45,0	43,4
		(23,06; 68,47)	(5,73; 43,66)	(36,05; 80,88)	(23,06; 68,47)	(11,89; 54,28)	(23,06; 68,47)	(34; 53,4)
Total	N	20	20	20	20	20	20	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 8 – Frequência de domicílios com cães nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	13	16	10	12	15	11	77
	% na coluna	65,0	80,0	50,0	60,0	75,0	55,0	62,7
		(40,78; 84,61)	(56,34; 94,27)	(27,20; 72,80)	(36,05; 80,88)	(50,90; 91,34)	(31,53; 76,94)	(52,7; 71,8)
Sim	N	7	4*	10	8	5*	9	43*
	% na coluna	35,0	20,0	50,0	40,0	25,0	45,0	37,3
		(15,39; 59,22)	(5,73; 43,66)	(27,20; 72,80)	(19,12; 63,95)	(8,66; 49,10)	(23,06; 68,47)	(28,2; 47,3)
Total	N	20	20	20	20	20	20	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 9 – Média, desvio padrão e número de observações do número de cães por domicílio com cães nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

	Área						Total
	Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	
Média	1,29	1,25	1,80	1,75	1,80	1,44	1,58
Desvio Padrão	0,488	0,500	1,033	0,886	1,304	0,726	0,99
N	7	4	10	8	5	9	43

Nota: Letras indicam diferença das médias; letras iguais indicam valores iguais. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 10 – Frequência de domicílios com gatos nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						Total
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	
Não	N	16	19	17	18	19	20	109
	% na	80,0	95,0	85,0	90,0	95,0	100	89,5
	coluna	(56,34; 94,27)	(75,13; 99,87)	(62,11; 96,79)	(68,30; 98,77)	(75,13; 99,87)	(83,16; 100)	(81,3; 94,4)
Sim	N	4*	1*	3*	2*	1*	0*	11*
	% na	20,0	5,0	15,0	10,0	5,0	0,0	10,5
	coluna	(5,73; 43,66)	(0,13; 24,87)	(3,21; 37,89)	(1,23; 31,70)	(0,13; 24,87)	(0,0; 16,84)	(5,6; 18,7)
	N	20	20	20	20	20	20	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 11 – Mediana, percentis e número de observações do número de gatos por domicílio com gatos nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

	Área						Total
	Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	
Mediana	2	2	1	1	1	-	1
Percentil 25 – 75	1,25 – 2	2 – 2	1 – 1	1 – 1	1 – 1	-	1 – 2
N	4	1	3	2	1	0	11

Nota: Letras indicam diferença das medianas; letras iguais indicam valores iguais.

Nas áreas estudadas, a frequência de domicílios sem outros animais (que não cães e gatos) (94,8%, IC95% = 97,9% – 97,9%) foi maior que a de domicílios com outros animais (5,2%, IC95% = 2,1% – 12,1%) e não houve diferença entre as áreas de estudo considerando-se os intervalos de confiança, porém no Teste de Qui-quadrado observamos um $p=0,007$. Nas áreas Assunção, Barra Funda, Pinheiros e Vila Sônia não houve ocorrência de residências com outros animais de estimação, enquanto que Jardim Cibebe a frequência foi 20% e no Jockey, apenas 5% (Tabela 12).

Não houve diferença de distribuição do número de outros animais por domicílio com outros animais ($p=0,114$) (Tabela 13).

Nas áreas estudadas, não houve diferença das freqüências dos gêneros (macho/fêmea) de cães domiciliados ($p=0,612$) (Tabela 14) e também não houve diferença entre as médias de idade de cães domiciliados entre as áreas de estudo ($p=0,389$) (Tabela 15).

Nas áreas de estudo, as freqüências de cães com e sem raça definida não diferem. No Jockey, houve uma maior freqüência de cães com raça definida ($p=0,008$) e nas demais áreas a freqüência entre as categorias foi semelhante (Tabela 16).

Nas áreas de estudo, não houve diferença das freqüências dos portes de cães. No porte pequeno e no porte grande, também não houve diferença entre as áreas, mas a Vila Sônia apresentou menor freqüência de cães de médio porte quando comparada com a Assunção ($p=0,005$), apesar de ambas terem apresentado freqüências semelhantes às demais áreas. Dentro das áreas não houve diferença na freqüência de cães de diferentes portes (Tabela 17).

Tabela 12 – Freqüência de domicílios com animais de estimação (que não cães e gatos) nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	20	20	16	19	20	20	115
	% na	100	100	80,0	95,0	100	100	94,8
	coluna	(83,16; 100)	(83,16; 100)	(56,34; 94,27)	(75,13; 99,87)	(83,16; 100)	(83,16; 100)	(87,9; 97,9)
Sim	N	0*	0*	4*	1*	0*	0*	5*
	% na	0,0	0,0	20,0	5,0	0,0	0,0	5,2
	coluna	(0,0; 16,84)	(0,0; 16,84)	(5,73; 43,66)	(0,13; 24,87)	(0,0; 16,84)	(0,0; 16,84)	(2,1; 12,1)
Total	N	20	20	20	20	20	20	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 13 – Mediana, percentis e número de observações do número de animais de estimação (que não cães e gatos) por domicílio com animais de estimação (que não cães e gatos) nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

	Área						Total
	Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	
Mediana	-	-	2	1	-	-	2
Percentil 25 – 75	-	-	2 – 3,5	1 – 1	-	-	1,5 – 3
N	0	0	4	1	0	0	5

Nota: Letras indicam diferença das medianas; letras iguais indicam valores iguais.

Tabela 14 – Frequência dos gêneros de cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						Total
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	
Macho	N	5	2	7	8	5	4	31
	% na	55,6	40,0	38,9	61,5	55,6	30,8	44,2
	coluna	(21,20; 86,30)	(5,27; 85,34)	(17,30; 64,25)	(31,58; 86,14)	(21,20; 86,30)	(9,09; 61,43)	(31,2; 58)
Fêmea	N	4	3	11	5	4	9	36
	% na	44,4	60,0	61,1	38,5	44,4	69,2	55,8
	coluna	(13,70; 78,80)	(14,66; 94,73)	(35,75; 82,70)	(13,86; 68,42)	(13,70; 78,80)	(38,57; 90,91)	(42; 68,8)
Total	N	9	5	18	13	9	13	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 15 – Média, desvio padrão e número de observações da idade dos cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

	Áreas						Total
	Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	
Média	6,14	6,40	4,94	3,75	6,00	6,38	5,53
Desvio Padrão	4,95	4,88	3,28	2,63	3,00	2,69	3,77
N	7	5	16	12	9	13	62

Nota: Letras indicam diferença das médias; letras iguais indicam valores iguais. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 16 – Frequência cães domiciliados com raça definida nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						Total
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	
Não	N	5	0	13	2	5	3	28
	% na	55,6	0	72,2	16,7	55,6	27,3	45,2
	coluna	(21,20; 86,30)	(0; 52,18)	(46,52; 90,31)	(2,09; 48,41)	(21,20; 86,30)	(6,02; 60,97)	(32,5; 58,5)
Sim	N	4	5	5	10*	4	8	36
	% na	44,4	100	27,8	83,3	44,4	72,7	54,8
	coluna	(13,70; 78,80)	(47,81; 100)	(9,69; 53,48)	(51,59; 97,91)	(13,70; 78,80)	(39,03; 93,98)	(41,5; 67,5)
Total	N	9	5	18	12	9	11	64

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 17 – Frequência das categorias de porte de cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Pequeno	N	1	3	8	2	5	8	27
	% na	11,1	60,0	44,4	15,4	55,6	61,5	43,2
	coluna	(0,28; 48,25)	(14,66; 94,73)	(21,53; 69,24)	(1,92; 45,45)	(21,20; 86,30)	(31,58; 86,14)	(30,6; 56,7)
Médio	N	7 ^a	1 ^{ab}	6 ^{ab}	2 ^{ab}	2 ^{ab}	1 ^b	19
	% na	77,8	20,0	33,3	15,4	22,2	7,7	32,1
	coluna	(39,99; 97,19)	(0,51; 71,64)	(13,34; 59,01)	(1,92; 45,45)	(2,81; 60,01)	(0,19; 36,03)	(21,3; 45,3)
Grande	N	1	1	4	9	2	4	21
	% na	11,1	20,0	22,2	69,2	22,2	30,8	24,7
	coluna	(0,28; 48,25)	(0,51; 71,64)	(6,41; 47,64)	(38,57; 90,91)	(2,81; 60,01)	(9,09; 61,43)	(15; 37,9)
Total	N	9	5	18	13	9	13	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Ao analisar a faixa etária dos cães na aquisição, nas áreas de estudo, a maior frequência foi a aquisição de cães ainda filhotes. Não houve diferença das frequências entre as áreas ($p=0,188$). No Jockey e em Pinheiros, a frequência de cães adquiridos quando filhotes foi maior que a frequência de cães adquiridos adultos. Nas outras áreas não houve diferença entre as idades de aquisição (Tabela 18).

A frequência de aquisição sem custo foi superior à aquisição com custo nas áreas de estudo, não havendo diferença das frequências entre as áreas de estudo. No Jardim Cibebe e na Assunção, a maioria dos cães foi adquirido sem custo ($p=0,012$) (Tabela 19).

Tabela 18 – Frequência da faixa etária na aquisição dos cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Filhote	N	7	5	12	13	8	10	55
	% na	77,8	100	66,7	100	88,9	76,9	76,8
	coluna	(39,99; 97,19)	(47,81; 100)	(40,99; 86,66)	(75,29; 100)	(51,75; 99,72)	(46,19; 94,96)	(62,8; 86,6)
Adulto	N	2	0	6	0*	1*	3	12*
	% na	22,2	0	33,3	0	11,1	23,1	23,2
	coluna	(2,81; 60,01)	(0; 52,18)	(13,34; 59,01)	(0; 24,71)	(0,28; 48,25)	(5,04; 53,81)	(13,4; 37,2)
Total	N	9	5	18	13	9	13	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 19 – Frequência das categorias de custo de aquisição dos cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Pegou	N	8	1	16	7	7	9	48
	% na	88,9	20,0	94,1	53,8	77,8	69,2	81,5
	coluna	(51,75; 99,72)	(0,51; 71,64)	(71,31; 99,85)	(25,13; 80,78)	(39,99; 97,19)	(38,57; 90,91)	(70,3; 89,1)
Comprou	N	1*	4	1*	6	2	4	18*
	% na	11,1	80,0	5,9	46,2	22,2	30,8	18,5
	coluna	(0,28; 48,25)	(28,36; 99,49)	(0,15; 28,69)	(19,22; 74,87)	(2,81; 60,01)	(9,09; 61,43)	(10,9; 29,7)
Total	N	9	5	17	13	9	13	66

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Nas áreas de estudo, a origem mais freqüente de cães foram os amigos, seguida por cães recolhidos da rua, cães nascidos na própria casa, adquiridos em lojas e canis comerciais, sem diferença estatística entre estas origens. A menor freqüência observada foi de cães vindos de abrigos, porém esta classe foi diferente apenas de cães vindos de amigos. Não houve diferença de freqüências entre as áreas ($p=0,376$), tampouco em cada uma das áreas de estudo (Tabela 20).

A origem mais freqüente dos cães, ao considerar as áreas de estudo, foi a cidade de São Paulo, não havendo diferença das freqüências entre as áreas. Na Assunção, Jardim Cibebe, Pinheiros e Vila Sônia a freqüência de cães originados da cidade de São Paulo foi superior a outras origens ($p=0,024$) (Tabela 21).

O local de vacinação contra a raiva mais freqüente, no ano anterior ao da realização da pesquisa, foi clínica veterinária particular (56,8%, IC95% = 43,4% – 69,3%). Além disso não houve diferença das freqüências de animais não vacinados contra a raiva (13,1%, IC95% = 5,9 – 26,5%) e animais vacinados pela Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP) (30,1%, IC95% = 18,7% – 44,7%). Não houve diferença de freqüência entre as áreas. No Jockey e em Pinheiros houve maior freqüência de vacinação de animais em clínicas veterinárias particulares. Na Vila Sônia, a freqüência de animais vacinados em clínicas foi maior do que a de animais não vacinados, porém semelhante à freqüência de animais vacinados pela PMSP ($p=0,035$) (Tabela 22).

A frequência de cães que receberam vacina diferente da vacina contra raiva foi semelhante à de cães que não receberam. A frequência de entrevistados que não soube responder a esta questão foi 2,8% (IC95% = 0,5% – 14,4%). A frequência de cães que não receberam vacina diferente da vacina contra raiva foi maior no Jardim Cibeles e menor na Barra Funda e Jockey. No Jardim Cibeles, a frequência de animais que não recebeu vacina diferente da vacina contra raiva foi maior e no Jockey, a frequência de animais vacinados foi maior ($p=0,004$). Nas demais áreas as proporções de vacinados e não vacinados não diferiram (Tabela 23).

A maioria dos proprietários referiu que seus cães não apresentam problema de comportamento, não havendo diferença entre as áreas. No Jockey e na Vila Sônia, houve menor frequência de relatos de problemas comportamentais ($p=0,017$) e nas demais áreas as frequências foram semelhantes (Tabela 24).

Tabela 20 – Frequência de origem dos cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibeles	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Loja	N	0	1	3	2	1	2	9**
	% na	0	25,0	18,8	16,7	11,1	16,7	14,1
	coluna	(0; 33,67)	(0,63; 80,59)	(4,05; 45,65)	(2,09; 48,41)	(0,28; 48,25)	(2,09; 48,41)	(6,7; 27,3)
Canil	N	1	2	0	4	1	2	10*
	% na	11,1	50,0	0	33,3	11,1	16,7	9,8
	coluna	(0,28; 48,25)	(6,76; 93,24)	(0; 20,59)	(9,92; 65,11)	(0,28; 48,25)	(2,09; 48,41)	(4,7; 19,3)
Abrigo	N	0	0	1	0	0	1	2*
	% na	0	0	6,3	0	0	8,3	3,9
	coluna	(0; 33,67)	(0; 60,24)	(0,16; 30,23)	(0; 26,46)	(0; 33,67)	(0,21; 38,48)	(0,9; 15,9)
Rua	N	3	0	2	1	3	2	11**
	% na	33,3	0	12,5	8,3	33,3	16,7	19,8
	coluna	(7,49; 70,07)	(0; 60,24)	(1,55; 38,35)	(0,21; 38,48)	(7,49; 70,07)	(2,09; 48,41)	(10,8; 33,5)
Amigo	N	5	1	5	2	2	5	20#
	% na	55,6	25,0	31,3	16,7	22,2	41,7	34,1
	coluna	(21,20; 86,30)	(0,63; 80,59)	(11,02; 58,66)	(2,09; 48,41)	(2,81; 60,01)	(15,27; 72,33)	(22,1; 48,6)
Casa	N	0	0	5	3	2	0	10**
	% na	0	0	31,3	25,0	22,2	0	18,2
	coluna	(0; 33,67)	(0; 60,24)	(11,02; 58,66)	(5,49; 57,19)	(2,81; 60,01)	(0; 26,46)	(9,5; 32,2)
Total	N	9	4	16	12	9	12	62

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 21 – Frequência de cães domiciliados com origem da cidade de São Paulo nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	0	2	1	6	1	2	12
	% na	0	40,0	5,6	46,2	11,1	15,4	10,7
	coluna	(0; 33,67)	(5,27; 85,34)	(0,14; 27,29)	(19,22; 74,87)	(0,28; 48,25)	(1,92; 45,45)	(5,3; 20,6)
Sim	N	9*	3	17*	7	8*	11*	55*
	% na	100	60,0	94,4	53,8	88,9	84,6	89,3
	coluna	(66,37; 100)	(14,66; 94,73)	(72,71; 99,86)	(25,13; 80,78)	(51,75; 99,72)	(54,55; 98,08)	(79,4; 94,7)
Total	N	9	5	18	13	9	13	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 22 – Frequência dos locais de aplicação da vacina contra raiva nos cães domiciliados das áreas de estudo no ano anterior ao da realização da pesquisa – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não recebeu	N	1	0	4	2	0	0*	7
	% na	11,1	0	26,7	16,7	0	0	13,1
	coluna	(0,28; 48,25)	(0; 52,18)	(7,79; 55,10)	(2,09; 48,41)	(0; 33,67)	(0; 26,46)	(5,9; 26,5)
PMSP	N	3	0	6	0	1	5*#	15
	% na	33,3	0	40,0	0	11,1	41,7	30,1
	coluna	(7,49; 70,07)	(0; 52,18)	(16,34; 67,71)	(0; 26,46)	(0,28; 48,25)	(15,27; 72,33)	(18,7; 44,7)
Particular	N	5	5	5	10*	8*	7#	40*
	% na	55,6	100	33,3	83,3	88,9	58,3	56,8
	coluna	(21,20; 86,30)	(47,81; 100)	(11,82; 61,62)	(51,59; 97,91)	(51,75; 99,72)	(27,67; 84,83)	(43,4; 69,3)
Total	N	9	5	15	12	9	12	62

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 23 – Frequência de cães domiciliados que receberam vacina diferente da vacina contra raiva no ano anterior ao da realização da pesquisa nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	2 ^{ab}	0 ^a	14 ^b	1 ^a	2 ^{ab}	5 ^{ab}	24
	% na	22,2	0	82,4	8,3	22,2	38,5	48,4
	coluna	(2,81; 60,01)	(0; 52,18)	(56,57; 96,20)	(0,21; 38,48)	(2,81; 60,01)	(13,86; 68,42)	(37,1; 59,8)
Sim	N	7 ^{cd}	5 ^c	3 ^{d*}	11 ^{c*}	7 ^{cd}	8 ^{cd}	41*
	% na	77,8	100	17,7	91,7	77,8	61,5	51,6
	coluna	(39,99; 97,19)	(47,81; 100)	(3,80; 43,43)	(61,52; 99,79)	(39,99; 97,19)	(31,58; 86,14)	(40,2; 62,9)
Total	N	9	5	17	12	9	13	65

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 24 – Frequência de cães domiciliados com problemas de comportamento referidos pelo proprietário nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	7	5	11	13	6	13	55
	% na	77,8	100	61,1	100	66,7	100	74,5
	coluna	(39,99; 97,19)	(47,81; 100)	(35,75; 82,70)	(75,29; 100)	(29,93; 92,51)	(75,29; 100)	(60,4; 84,8)
Sim	N	2	0	7	0*	3	0*	12*
	% na	22,2	0	38,9	0	33,3	0	25,5
	coluna	(2,81; 60,01)	(0; 52,18)	(17,30; 64,25)	(0; 24,71)	(7,49; 70,07)	(0; 24,71)	(15,2; 39,6)
Total	N	9	5	18	13	9	13	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

A maioria dos proprietários considerou seus cães como não agressivos, não havendo diferença entre as áreas de estudo ($p=0,443$). No Jardim Cibebe, Jockey, Pinheiros e Vila Sônia, foram observadas frequências mais elevadas de animais não agressivos. Nas outras áreas de estudo não houve diferença entre frequência de animais agressivos e não agressivos (Tabela 25).

Devido ao baixo número de observações de cães considerados agressivos, não é possível determinar diferenças quanto ao direcionamento desta agressividade dentro de cada área ou entre as áreas (Tabela 26).

Tabela 25 – Frequência de cães domiciliados considerados agressivos nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	6	5	15	12	8	12	58
	% na	66,7	100	83,3	92,3	88,9	92,3	86,684,4
	coluna	(29,93; 92,51)	(47,81; 100)	(58,58; 96,42)	(63,97; 99,81)	(51,75; 99,72)	(63,97; 99,81)	(71,3; 92,2)
Sim	N	3	0	3*	1*	1*	1*	9*
	% na	33,3	0	16,7	7,7	11,1	7,7	15,6
	coluna	(7,49; 70,07)	(0; 52,18)	(3,58; 41,42)	(0,19; 36,03)	(0,28; 48,25)	(0,19; 36,03)	(7,8; 28,7)
Total	N	9	5	18	13	9	13	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 26 – Frequência do direcionamento da agressividade, em cães agressivos nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd. Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Animais	N	2	0	0	0	0	1	3
	% na coluna	66,7 (9,43; 99,16)	-	0 (0; 70,76)	0 (0; 97,50)	0 (0; 97,50)	100 (2,50; 100)	29,1 (9,2; 62,4)
Pessoas	N	1	0	3	1	1	0	6
	% na coluna	33,3 (0,84; 90,57)	-	100 (29,24; 100)	100 (2,50; 100)	100 (2,50; 100)	0 (0; 97,50)	70,9 (37,6; 90,8)
Total	N	3	0	3	1	1	1	9

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Não houve diferença entre frequência de animais mantidos dentro de casa ou no quintal nas áreas estudadas, mas o número de animais com acesso aos dois ambientes foi menos freqüente do que aqueles mantidos dentro ou fora de casa. A frequência de animais mantidos dentro de casa foi maior no Jockey e em Pinheiros e foi menor nas áreas Assunção e Jardim Cibebe. A frequência de animais mantidos no quintal foi mais elevada na Assunção, Jardim Cibebe, Barra Funda e Vila Sônia e a menor frequência de animais mantidos no quintal foi no Jockey. Na Assunção e no Jardim Cibebe, a maior parte dos animais foi mantida no quintal, enquanto as frequências de animais mantidos dentro de casa e nos dois ambientes foram iguais entre si. No Jockey e em Pinheiros, a maioria dos animais foi mantida dentro de casa e uma menor frequência no quintal ou com acesso aos dois ambientes. Na Barra Funda e na Vila Sônia, não houve diferença entre as frequências de locais de manutenção ($p < 0,001$) (Tabela 27). Não foi observada ocorrência de animais domiciliados mantidos na rua.

Entre os animais mantidos dentro de casa não houve diferença das frequências de cães que repousam em cama humana ou em cama própria para os animais. Não foi observada diferença de frequência de local de repouso entre as áreas. No Jockey, a frequência de cães que repousam em cama humana é maior do que os que repousam em caminhas próprias ($p = 0,002$) (Tabela 28).

Tabela 27 – Frequência dos locais de manutenção dos cães nas áreas estudadas – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd. Cibele	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Dentro de casa	N	1 ^a	4 ^{ab}	2 ^a	11 ^b	8 ^b	7 ^{ab}	33
	% na coluna	11,1 (0,28; 48,25)	80,0 (28,36; 99,49)	11,1 (1,38; 34,71)	84,6 (54,55; 98,08)	88,9 (51,75; 99,72)	53,8 (25,13; 80,78)	38,1 (29; 48,1)
Quintal	N	8 ^{c*}	1 ^{cde}	13 ^{cd*}	1 ^{e*}	1 ^{de*}	4 ^{cde}	28
	% na coluna	88,9 (51,75; 99,72)	20,0 (0,51; 71,64)	72,2 (46,52; 90,31)	7,7 (0,19; 36,03)	11,1 (0,28; 48,25)	30,8 (9,09; 61,43)	51,8 (40,4; 63)
Ambos	N	0	0	3	1 [*]	0 [*]	2	6 [*]
	% na coluna	0 (0; 33,67)	0 (0; 52,18)	16,7 (3,58; 41,42)	7,7 (0,19; 36,03)	0 (0; 33,67)	15,4 (1,92; 45,45)	10,1 (4,2; 12,3)
Total	N	9	5	18	13	9	13	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 28 – Frequência de local de repouso dos cães mantidos dentro de casa nas áreas estudadas – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd. Cibele	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Cama Humana	N	0	4	3	11	2	7	27
	% na coluna	0 (0; 97,50)	100 (39,76; 100)	100 (29,24; 100)	91,7 (61,52; 99,79)	25,0 (3,19; 65,09)	87,5 (47,35; 99,68)	64,7 (47,2; 78,9)
Cama Própria	N	1	0	0	1 [*]	6	1	9
	% na coluna	100 (2,50; 100)	0 (0; 60,24)	0 (0; 70,76)	8,3 (0,21; 38,48)	75,0 (34,91; 96,81)	12,5 (0,32; 52,65)	35,3 (21,1; 52,8)
Total	N	1	4	3	12	8	8	36

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Entre os cães mantidos no quintal, não houve diferença das frequências dos locais de repouso (canil, casinha ou preso em corrente). Não houve diferença de frequência dentro ou entre as áreas de estudo ($p=0,534$) (Tabela 29).

A frequência de cães com acesso à rua é semelhante à dos que não têm acesso, sem que houvesse diferença entre as áreas de estudo. No Jockey, a maioria dos animais tem acesso à rua ($p=0,050$) e nas demais áreas não houve diferença de frequências (Tabela 30).

A frequência de cães que têm acesso à rua com guia foi superior à de cães que saem sozinhos. Entre as áreas não houve diferença nas frequências de animais que saem com guia ou sozinhos. A frequência de animais que sai sem guia foi maior no Jockey e

menor em Pinheiros ($p=0,014$), as demais áreas não apresentaram diferença de frequência (Tabela 31).

A maioria dos cães estava sob responsabilidade direta de algum membro da família, sem diferença de frequência entre as áreas de estudo. Na Barra Funda e no Jockey, não houve diferença na frequência de cães sob responsabilidade da família ou de funcionários, mas nas demais áreas de estudo a maioria dos cães estava sob responsabilidade de um familiar ($p=0,013$) (Tabela 32).

Tabela 29 – Frequência de local de repouso dos cães mantidos no quintal nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área					
		Assunção	Barra Funda	Jd. Cibele	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia
		Total					
Canil	N	1	0	3	0	0	0
	% na	12,5	0	25,0	0	0	0
	coluna	(0,32; 52,65)	(0; 70,76)	(5,49; 57,19)	(0; 70,76)	(0; 70,76)	(0; 52,18)
Casinha	N	5	1	4	1	1	5
	% na	62,5	100	33,3	100	100	100
	coluna	(24,49; 91,48)	(2,50; 100)	(9,92; 65,11)	(2,50; 100)	(2,50; 100)	(47,82; 100)
Corrente	N	2	0	5	0	0	0
	% na	25,0	0	41,7	0	0	0
	coluna	(3,19; 65,09)	(0; 70,76)	(15,17; 72,33)	(0; 70,76)	(0; 70,76)	(0; 52,18)
Total	N	8	1	12	1	1	5
							28

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 30 – Frequência de cães domiciliados com acesso à rua – São Paulo – 2011

		Áreas					
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibele	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia
		Total					
Não	N	2	2	11	1	3	3
	% na	22,2	40,0	61,1	7,7	33,3	25,0
	coluna	(2,81; 60,01)	(5,27; 85,34)	(35,75; 82,70)	(0,19; 36,03)	(7,49; 70,07)	(5,49; 57,19)
Sim	N	7	3	7	12*	6	9
	% na	77,8	60,0	38,9	92,3	66,7	75,0
	coluna	(39,99; 97,19)	(14,66; 94,73)	(17,30; 64,25)	(63,97; 99,81)	(29,93; 92,51)	(42,81; 94,51)
Total	N	9	5	18	13	9	12
							66

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 31 – Frequência dos níveis de supervisão dos cães ao ter acesso à rua nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd. Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Com supervisão, com Guia	N	5	3	3	11	1	3	26*
	% na coluna	71,4 (29,04; 96,33)	100 (29,24; 100)	42,9 (9,90; 81,59)	91,7 (61,52; 99,79)	16,7 (0,42; 64,12)	33,3 (7,49; 70,07)	47,5 (31,6; 63,9)
Com supervisão, sem Guia	N	2 ^{ab}	0 ^{ab}	2 ^{ab}	0 ^{a*}	5 ^b	5 ^{ab}	14 ^{**}
	% na coluna	28,6 (3,67; 70,96)	0 (0; 70,76)	28,6 (3,67; 70,96)	0 (0; 26,46)	83,3 (35,88; 99,58)	55,6 (21,20; 86,30)	41,4 (26,6; 57,9)
Sem supervisão	N	0	0	2	1*	0	1	4 [#]
	% na coluna	0 (0; 40,96)	0 (0; 70,76)	28,6 (3,67; 70,96)	8,3 (0,21; 38,48)	0 (0; 45,93)	11,1 (0,28; 48,25)	11,1 (3,7; 28,8)
Total	N	7	3	7	12	6	9	44

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 32 – Frequência de cães sob responsabilidade da família ou de funcionários do domicílio nas áreas estudadas – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Funcionário	N	0	1	2	5	0	0	8
	% na coluna	0 (0; 33,67)	20,0 (0,51; 71,64)	11,1 (1,38; 34,71)	41,7 (15,27; 72,33)	0 (0; 33,67)	0 (0; 24,71)	7,6 (3; 17,8)
Família	N	9*	4	16*	7	9*	13*	58*
	% na coluna	100 (66,37; 100)	80,0 (28,36; 99,49)	88,9 (65,29; 98,62)	58,3 (27,67; 84,83)	100 (66,37; 100)	100 (75,29; 100)	92,4 (82,2; 97)
Total	N	9	5	18	12	9	13	66

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

As mulheres são maioria dentre os responsáveis pelos cães, não havendo diferença entre as áreas estudadas ($p=0,129$). No Jardim Cibebe e em Pinheiros, a maioria dos responsáveis pelos cães foram mulheres, enquanto nas demais áreas de estudo não houve diferença entre a frequência de homens e mulheres (Tabela 33).

Houve diferença entre as médias de idade das pessoas responsáveis pelos cães entre as áreas de estudo ($p=0,029$). A média de idade da pessoa responsável pelos cães no Jardim Cibebe é inferior a média de idade das pessoas responsáveis pelos cães em Pinheiros ($p=0,041$). Não houve diferença entre as demais áreas (Tabela 34).

As frequências dos níveis de escolaridade do responsável pelos cães foram semelhantes nas áreas de estudo. Em cada área também não houve diferença entre os níveis de escolaridade. No Jardim Cibeles, a frequência de escolaridade de nível médio foi mais elevada e em Pinheiros foi mais baixa ($p=0,006$) (Tabela 35).

A maioria dos cães foi considerada como parte da família, não havendo diferença entre as áreas de estudo ($p=0,436$). No Jardim Cibeles, a maior parte dos cães foi considerada da família, enquanto nas outras áreas não houve diferença entre a frequência de cães considerados amigos ou parte da família (Tabela 36). Não houve menção a cães considerados como posse em nenhuma das áreas de estudo.

Tabela 33 – Frequência de gênero do responsável pelo cão domiciliado nas áreas estudadas – São Paulo – 2011

		Áreas					
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibeles	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia
Homem	N	5	2	4	2	0	3
	% na coluna	55,6 (21,20; 86,30)	40,0 (5,27; 85,34)	22,2 (6,41; 47,64)	18,2 (2,28; 51,78)	0 (0; 33,67)	23,1 (5,04; 53,81)
Mulher	N	4	3	14*	9	9*	10
	% na coluna	44,4 (13,70; 78,80)	60,0 (14,66; 94,73)	77,8 (52,36; 93,59)	81,8 (48,22; 97,72)	100 (66,37; 100)	76,9 (46,19; 94,96)
Total	N	9	5	18	11	9	13

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 34 – Média, desvio padrão e número de observações da idade do responsável pelo cão domiciliado nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas					
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibeles	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia
Média		49,78 ^{ab}	41,00 ^{ab}	41,56 ^a	54,09 ^{ab}	63,33 ^b	58,17 ^{ab}
Desvio Padrão		25,48	9,90	15,73	18,17	11,38	18,87
N		9	5	18	11	9	12

Nota: Letras indicam diferença das médias; letras iguais indicam valores iguais.

Tabela 35 – Frequência dos níveis de escolaridade do responsável pelos cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Básico	N	3	0	1	4	2	1	11
	% na	33,3	0	7,1	36,4	22,2	7,7	15,8
	coluna	(7,49; 70,07)	(0; 52,18)	(0,18; 33,87)	(10,93; 69,21)	(2,81; 60,01)	(0,19; 36,03)	(8,1; 28,5)
Fundamental	N	2	3	2	0	2	1	10
	% na	22,2	60,0	14,3	0	22,2	7,7	16,6
	coluna	(2,81; 60,01)	(14,66; 94,73)	(1,78; 42,81)	(0; 28,49)	(2,81; 60,01)	(0,19; 36,03)	(8,4; 30,3)
Médio	N	1 ^{ab}	0 ^{ab}	10 ^a	4 ^{ab}	0 ^b	5 ^{ab}	20
	% na	11,1	0	71,4	36,4	0	38,5	37,3
	coluna	(0,28; 48,25)	(0; 52,18)	(41,90; 91,61)	(10,93; 69,21)	(0; 33,67)	(13,86; 68,42)	(26,5; 49,6)
Superior	N	3	2	1	3	5	6	20
	% na	33,3	40,0	7,1	27,3	55,6	46,2	30,3
	coluna	(7,49; 70,07)	(5,27; 85,34)	(0,18; 33,87)	(6,02; 60,97)	(21,20; 86,30)	(19,22; 74,87)	(19,8; 43,3)
Total	N	9	5	14	11	9	13	61

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 36 – Frequência das formas como o cão foi considerado pela família nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Amigo	N	4	0	4	5	3	2	18
	% na	44,4	0	22,2	38,5	33,3	18,2	27,2
	coluna	(13,70; 78,80)	(0; 52,18)	(6,41; 47,64)	(13,86; 68,42)	(7,49; 70,07)	(2,28; 51,78)	(16,6; 41,2)
Família	N	5	5	14*	8	6	9	47*
	% na	55,6	100	77,8	61,5	66,7	81,8	72,8
	coluna	(21,20; 86,30)	(47,81; 100)	(52,36; 93,59)	(31,58; 86,14)	(29,93; 92,51)	(48,22; 97,72)	(58,8; 83,4)
Total	N	9	5	18	13	9	11	65

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

A frequência de cães que não viajam junto com a família foi superior a de cães que viajam sempre. A frequência de cães que não viajam com a família foi mais alta no Jardim Cibebe, enquanto a menor ocorreu na Barra Funda. Em Pinheiros, ocorreu a maior frequência de cães que viaja com a família às vezes e a menor frequência ocorreu na Assunção, Jardim Cibebe e Vila Sônia ($p < 0,001$). A frequência de animais que viajam com a família sempre foi semelhante em todas as áreas. Dentro das áreas não houve diferença de frequência de animais que viajam sempre, às vezes ou não viajam (Tabela 37).

Nas áreas de estudo, a frequência de proprietários que consideram seu cão doente foi inferior à dos que não os consideram doentes. A frequência de entrevistados que não soube responder a esta questão foi 1,3% (IC95% = 0,2% – 9,1%). Não houve diferença entre as áreas. Na Assunção, Jardim Cibeles, Jockey e Vila Sônia, a frequência de cães considerados doentes foi inferior a cães considerados sadios e nas outras áreas não houve diferença entre as frequências ($p=0,797$) (Tabela 38).

A frequência de cães que demandam mais trabalho do que o proprietário esperava na aquisição foi inferior àqueles que não demandam, não havendo diferença entre as áreas de estudo ($p=0,142$). A frequência de entrevistados que não soube responder a esta questão foi 5,1% (IC95% = 1,7% – 14,9%). No Jockey e em Pinheiros, a frequência de cães que demanda mais trabalho que esperado foi inferior à dos que não demandam mais trabalho do que o esperado e nas demais áreas não houve diferença entre as frequências (Tabela 39).

Não houve diferença das proporções de cães esterilizados e não esterilizados nas áreas de estudo, tampouco entre elas ($p=0,766$) (Tabela 40).

Tabela 37 – Frequência de cães que viajam com a família nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						Total
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibeles	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	
Nunca	N	8 ^{ab}	0 ^a	15 ^b	4 ^{ab}	2 ^{ab}	5 ^{ab}	34*
	% na	88,9	0	83,3	30,8	22,2	41,7	61,3
	coluna	(51,75; 99,72)	(0; 52,18)	(58,58; 96,42)	(9,09; 61,43)	(2,81; 60,01)	(15,27; 72,33)	(49,8; 71,6)
Às vezes	N	0 ^c	2 ^{cd}	2 ^c	8 ^{cd}	7 ^d	1 ^c	20* [#]
	% na	0	40,0	11,1	61,5	77,8	8,3	24,5
	coluna	(0; 33,67)	(5,27; 85,34)	(1,38; 34,71)	(31,58; 86,14)	(39,99; 97,19)	(0,21 – 38,48)	(16,6; 34,6)
Sempre	N	1	3	1	1	0	6	12 [#]
	% na	11,1	60,0	5,6	7,7	0	50,0	14,2
	coluna	(0,28; 48,25)	(14,66; 94,73)	(0,14; 27,29)	(0,19; 36,03)	(0; 33,67)	(21,09; 78,91)	(8,1; 23,8)
Total	N	9	5	18	13	9	12	66

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 38 – Frequência proprietários que consideraram seus cães doentes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibele	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	8	4	17	12	7	10	58
	% na	88,9	80,0	94,4	92,3	77,8	83,3	88,4
	coluna	(51,75; 99,72)	(28,36; 99,49)	(72,71; 99,86)	(63,97; 99,81)	(39,99; 97,19)	(51,59; 97,91)	(76,6; 94,6)
Sim	N	1*	1	1*	1*	2	2*	8*
	% na	11,1	20,0	5,6	7,7	22,2	16,7	11,6
	coluna	(0,28; 48,25)	(0,51; 71,64)	(0,14; 27,29)	(0,19; 36,03)	(2,81; 60,01)	(2,09; 48,41)	(5,4; 23,4)
Total	N	9	5	18	13	9	12	66

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 39 – Frequência de proprietários que consideram que seus cães demandam mais trabalho do que esperado no momento da aquisição nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibele	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	7	4	9	12	5	10	47
	% na	77,8	80,0	50,0	92,3	71,4	83,3	66,3
	coluna	(39,99; 97,19)	(28,36; 99,49)	(26,02; 73,98)	(63,97; 99,81)	(29,04; 96,33)	(51,59; 97,91)	(51,8; 78,3)
Sim	N	2	1	9	1*	2	2*	17*
	% na	22,2	20,0	50,0	7,7	28,6	16,7	33,7
	coluna	(2,81; 60,01)	(0,51; 71,64)	(26,02; 73,98)	(0,19; 36,03)	(3,67; 70,96)	(2,09; 48,41)	(21,7; 48,2)
Total	N	9	5	18	13	7	12	64

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 40 – Frequência de cães domiciliados esterilizados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibele	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	6	3	8	8	7	8	40
	% na	66,7	60,0	47,1	61,5	77,8	61,5	59,2
	coluna	(29,93; 92,51)	(14,66; 94,73)	(22,98; 72,19)	(31,58; 86,14)	(39,99; 97,19)	(31,58; 86,14)	(45,2; 71,8)
Sim	N	3	2	9	5	2	5	26
	% na	33,3	40,0	52,9	38,5	22,2	38,5	40,8
	coluna	(7,49; 70,07)	(5,27; 85,34)	(27,81; 77,01)	(13,86; 68,42)	(2,81; 60,01)	(13,86; 68,42)	(28,2; 54,8)
Total	N	9	5	17	13	9	13	66

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Não houve diferença de distribuição do tempo decorrido desde a esterilização dos cães nas áreas de estudo ($p=0,139$) (Tabela 41).

Nas áreas de estudo, a frequência de animais esterilizados para evitar procriação foi maior que a frequência de animais castrados pelos demais motivos. No Jardim Cibeles o motivo mais frequente para a castração foi evitar que o cão procrie e os motivos menos frequentes foram evitar brigas ou em consequência de doenças ($p=0,111$). Não houve diferença entre as áreas (Tabela 42).

A frequência de cães que tiveram ninhada foi inferior a de cães que não as tiveram, não havendo diferença de frequência nas áreas de estudo. A frequência de entrevistados que não soube responder a esta questão foi 7,5% (IC95% = 2,6% – 19,8%). Na Assunção, no Jardim Cibeles, no Jockey e na Vila Sônia a frequência de cães que procriaram foi inferior a dos que não procriaram e em Pinheiros e na Barra Funda não houve diferença de frequência ($p=0,406$) (Tabela 43).

Nas áreas Barra Funda e Assunção, não houve ocorrência de animais com ninhadas e por este motivo estas áreas foram excluídas das três próximas análises. Não houve diferença de distribuição do número de ninhadas ($p=0,183$) ou do número total de filhotes nas áreas de estudo ($p=0,156$) (Tabela 44; Tabela 45). Não houve diferença entre as frequências de destinos de filhotes de cães domiciliados nas áreas de estudo ($p=0,193$) (Tabela 46). Não houve referência a filhotes que foram abandonados.

Tabela 41 – Mediana, percentis e número de observações de tempo em anos decorrido desde a esterilização dos cães esterilizados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

	Áreas						Total
	Assunção	Barra Funda	Jd Cibeles	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	
Mediana	2,50	2,50	1,50	3,50	0	3,00	3,00
Quartil 25 – 75	2,00 –	1,00 –	1,00 – 2,75	3,00 – 6,25	0 – 0	1,00 – 4,00	1,00 – 4,00
N	2	2	4	4	2	5	19

Nota: Letras indicam diferença das medianas; letras iguais indicam valores iguais.

Tabela 42 – Frequência do motivo para esterilização dos cães esterilizados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd. Cibele	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Cria	N	1	2	6	4	2	0	15
	% na coluna	50,0 (1,26; 98,72)	100 (15,81; 100)	66,7 (29,93; 92,51)	80,0 (28,36; 99,49)	100 (15,81; 100)	0 (0; 52,18)	59,1 (37,3; 77,8)
Doença	N	0	0	0	0	0	4	4
	% na coluna	0 (0; 84,19)	0 (0; 84,19)	0 (0; 33,63)	0 (0; 52,18)	0 (0; 84,19)	80,0 (28,36; 99,49)	13,6 (5,7; 29,2)
Cio	N	0	0	1	0	0	1	2
	% na coluna	0 (0; 84,19)	0 (0; 84,19)	11,1 (0,28; 48,25)	0 (0; 52,18)	0 (0; 84,19)	20,0 (0,5; 71,64)	9,6 (2,1; 34,1)
Outro	N	0	0	1	0	0	0	1
	% na coluna	0 (0; 84,19)	0 (0; 84,19)	11,1 (0,28; 48,25)	0 (0; 52,18)	0 (0; 84,19)	0 (0; 52,18)	6,2 (0,8; 34,8)
Associações	N	1	0	1	1	0	0	3
	% na coluna	50,0 (1,26; 98,72)	0 (0; 84,19)	11,1 (0,28; 48,25)	20,0 (0,5; 71,64)	0 (0; 84,19)	0 (0; 52,18)	11,6 (3,1; 35,2)
Total	N	2	2	9	5	2	5	25

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 43 – Frequência de cães domiciliados que tiveram ninhadas nos domicílios das áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibele	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	9	5	13	10	6	11	54
	% na coluna	100 (66,37; 100)	100 (47,81; 100)	86,7 (59,54; 98,34)	83,3 (51,59; 97,91)	66,7 (29,93; 92,51)	84,6 (54,55; 98,08)	84,9 (71,8; 92,6)
Sim	N	0*	0	2*	2*	3	2*	9*
	% na coluna	0 (0; 33,67)	0 (0; 52,18)	13,3 (1,66; 40,46)	16,7 (2,09; 48,41)	33,3 (7,49; 70,07)	15,4 (1,92; 45,45)	15,1 (7,4; 28,2)
Total	N	9	5	15	12	9	13	63

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 44 – Mediana, percentis e número de observações do número de ninhadas de cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Áreas			
		Jd Cibele	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia
Mediana		3,00	1,00	2,00	1,00
Quartil 25 – 75		1,00 –	1,00 – 1,00	2,00 –	1,00 – 1,00
N		2	2	3	2
					9

Nota: Letras indicam diferença das médias; letras iguais indicam valores iguais.

Tabela 45 – Mediana, percentis e número de observações do número total de filhotes dos cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

	Áreas				
	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Mediana	13,00	5,00	7,00	4,50	6,00
Quartil 25 – 75	6,00 –	4,00 –	6,00 –	4,00 –	4,50 – 10,00
N	2	2	3	2	9

Nota: Letras indicam diferença das médias; letras iguais indicam valores iguais.

Tabela 46 – Frequência de destino dos filhotes de cães domiciliados nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área				
		Jd. Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Morreu	N	1	0	0	0	1
	% na	50,0	0	0	0	16,9
	coluna	(1,26; 98,72)	(0; 84,19)	(0; 70,76)	(0; 84,19)	(2,3; 63,4)
Deu	N	1	0	0	1	2
	% na	50,0	0	0	50,0	26,2
	coluna	(1,26; 98,72)	(0; 84,19)	(0; 70,76)	(1,26; 98,72)	(6,1; 65,9)
Vendeu	N	0	1	0	1	2
	% na	0	50,0	0	50,0	12,5
	coluna	(0; 84,19)	(1,26; 98,72)	(0; 70,76)	(1,26; 98,72)	(2,4; 45,3)
Associações	N	0	1	3	0	4
	% na	0	50,0	100	0	44,4
	coluna	(0; 84,19)	(1,26; 98,72)	(29,24; 100)	(0; 84,19)	(17,3; 75,4)
Total	N	2	2	3	2	9

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

A frequência de domicílios onde ao menos um cão deixou de viver no ano anterior ao da realização da pesquisa nas áreas de estudo, foi inferior à de domicílios onde este fato não ocorreu, não havendo diferença entre as áreas ($p=0,434$) (Tabela 47). A frequência de animais que morreram foi de 63,1% (IC95% = 33,2; 85,5%), considerando os destinos atropelamento, morte por doença e morte natural. Não houve diferença entre as frequências dos destinos de cães que deixaram de viver nos domicílios nas áreas de estudo ($p=0,301$) (Tabela 48). Os destinos “desapareceu”, “vendeu” e “eutanásia” não foram mencionados.

A frequência de moradores que viram pessoas abandonando cães foi inferior à frequência dos que não viram, nas áreas de estudo. Entre as áreas, Pinheiros tem a menor

freqüência de avistamentos de abandono, enquanto o Jardim Cibeles tem a maior freqüência. Na Assunção, Barra Funda, Jockey e Pinheiros, a freqüência de moradores que avistou abandono foi inferior e na Vila Sônia e Jardim Cibeles não há diferença das freqüências ($p=0.006$) (Tabela 49).

Nas áreas de estudo, a freqüência de pessoas que viram cães errantes foi semelhante à freqüência dos que não viram. O Jardim Cibeles obteve a maior freqüência de avistamento de cães errantes, enquanto Barra Funda, Pinheiros e Vila Sônia obtiveram as menores freqüências ($p<0,001$). No Jardim Cibeles, a freqüência de moradores que viram cães errantes foi maior do que não viram e nas demais áreas não há diferença nas freqüências (Tabela 50).

A freqüência de pessoas que relataram não alimentar cães errantes foi superior à de pessoas que alimentam, nas áreas de estudo, não havendo diferença de freqüências entre elas ($p=0,722$). Na Barra Funda, Pinheiros e Vila Sônia a freqüência de pessoas que não alimentam cães errantes foi maior e nas outras áreas não há diferença entre as freqüências (Tabela 51).

Tabela 47 – Freqüência de domicílios que possuíam cão que deixou de viver no local, no ano anterior ao da realização da pesquisa nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibeles	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	15	20	17	18	18	18	106
	% na	78,9	100	85,0	90,0	90,0	90,0	87,1
	coluna	(54,43; 93,95)	(83,16; 100)	(62,11; 96,79)	(68,30; 98,77)	(68,30; 98,77)	(68,30; 98,77)	(78,3; 92,7)
Sim	N	4*	0*	3*	2*	2*	2*	13*
	% na	21,1	0,0	15,0	10,0	10,0	10,0	12,9
	coluna	(6,05; 45,57)	(0,0; 16,84)	(3,21; 37,89)	(1,23; 31,70)	(1,23; 31,70)	(1,23; 31,70)	(7,3; 21,7)
Total	N	19	20	20	20	20	20	119

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 48 – Frequência de destino do cão domiciliado que, no ano anterior ao da realização da pesquisa, deixou de ser mantido no domicílio, nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área					
		Assunção	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Deu	N	1	2	0	1	0	4
	% na	25,0	66,7	0	50,0	0	36,9
	coluna	(0,63; 80,59)	(9,43; 99,16)	(0; 84,19)	(1,26; 98,74)	(0; 84,19)	(14,5; 66,8)
Atropelamento	N	1	0	0	0	0	1
	% na	25,0	0	0	0	0	9,4
	coluna	(0,63; 80,59)	(0; 70,76)	(0; 84,19)	(0; 84,19)	(0; 84,19)	(1,3; 45,7)
Morte por doença	N	2	0	0	0	0	2
	% na	50,0	0	0	0	0	18,8
	coluna	(6,79; 93,24)	(0; 70,76)	(0; 84,19)	(0; 84,19)	(0; 84,19)	(4,8; 51,6)
Morte natural	N	0	1	2	1	2	6
	% na	0	33,3	100	50,0	100	34,9
	coluna	(0; 60,24)	(0,84; 90,57)	(15,81; 100)	(1,26; 98,74)	(15,81; 100)	(14,3; 63,2)
Total	N	4	3	2	2	2	13

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 49 – Frequência de moradores que já viram pessoas abandonando cão nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área					
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Total
Não	N	16 ^{ab}	18 ^{ab}	12 ^a	19 ^{ab}	20 ^b	99
	% na	80,0	90,0	60,0	95,0	100	79
	coluna	(56,34; 94,27)	(68,30; 98,77)	(36,05; 80,88)	(75,13; 99,87)	(83,16; 100)	(45,72; 88,11)
Sim	N	4 ^{cd*}	2 ^{cd*}	8 ^c	1 ^{cd*}	0 ^{d*}	21*
	% na	20,0	10,0	40,0	5,0	0	21
	coluna	(5,73; 43,66)	(1,23; 31,70)	(19,12; 63,95)	(0,13; 24,87)	(0; 16,84)	(11,89; 54,28)
Total	N	20	20	20	20	20	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 50 – Frequência de moradores que vêem cães errantes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área					
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Total
Não	N	7 ^{ab}	12 ^a	1 ^b	8 ^{ab}	14 ^a	57
	% na	35,0	60,0	5,0	40,0	70,0	44
	coluna	(15,39; 59,22)	(36,05; 80,88)	(0,13; 24,87)	(19,12; 63,95)	(45,72; 88,11)	(50,90; 91,34)
Sim	N	13 ^{cd}	8 ^c	19 ^{b*}	12 ^{cd}	6 ^c	63
	% na	65,0	40,0	95,0	60,0	30,0	56
	coluna	(40,78; 84,61)	(19,12; 63,95)	(75,13; 99,87)	(36,05; 80,88)	(11,89; 54,28)	(8,66; 49,10)
Total	N	20	20	20	20	20	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 51 – Frequência de moradores que alimentam cães errantes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	13	15	12	13	16	15	84
	% na	65,0	75,0	60,0	65,0	80,0	75,0	69,4
	coluna	(40,78; 84,61)	(50,90; 91,34)	(36,05; 80,88)	(40,78; 84,61)	(56,34; 94,27)	(50,90; 91,34)	(59,4; 77,9)
Sim	N	7	5*	8	7	4*	5*	36*
	% na	35,0	25,0	40,0	35,0	20,0	25,0	30,6
	coluna	(15,39; 59,22)	(8,66; 49,10)	(19,12; 63,95)	(15,39; 59,22)	(5,73; 43,66)	(8,66; 49,10)	(22,1; 40,6)
Total	N	20	20	20	20	20	20	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

A frequência de entrevistados que não viram pessoas alimentando cães errantes foi semelhante à de entrevistados que viram pessoas os alimentando nas áreas de estudo. No Jardim Cibebe, a frequência de moradores que viu outra pessoa alimentar cães foi maior e na Barra Funda e Jockey essa frequência foi menor ($p=0,007$). No Jardim Cibebe, a frequência de moradores que viram outra alimentarem cães errantes foi maior do que os que não viram, enquanto na Barra Funda e Jockey, a frequência de entrevistados que viram outro alimentar cães errantes foi inferior. Nas demais áreas as frequências foram semelhantes (Tabela 52).

Nas áreas de estudo, a frequência de entrevistados que viram portes de comida foi superior à dos que não os viram. Jardim Cibebe apresentou maior frequência de entrevistados que viram potes de comida, enquanto Pinheiros apresentou a menor frequência ao comparar as áreas de estudo ($p=0,014$). Na Barra Funda e em Pinheiros, a frequência de pessoas que viram potes de comida foi inferior à frequência de pessoas que não viram e nas outras áreas as frequências foram semelhantes (Tabela 53).

Houve diferença na distribuição do número de dias na semana em que o lixo é descartado ($p<0,001$). A mediana de dias de descarte de lixo na Barra Funda e em Pinheiros é maior do que a mediana das demais áreas (nas comparações individualizadas, $p\leq 0,002$) (Tabela 54).

Tabela 52 – Frequência de moradores que vêem pessoas alimentando cães errantes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	12 ^{ab}	16 ^a	5 ^b	15 ^a	13 ^{ab}	13 ^{ab}	74
	% na	60,0	80,0	25,0	75,0	65,0	65,0	55,7
	coluna	(36,05; 80,88)	(56,34; 94,27)	(8,66; 49,10)	(50,90; 91,34)	(40,78; 84,61)	(40,78; 84,61)	(46,2; 64,8)
Sim	N	8 ^{cd}	4 ^{c*}	15 ^{d*}	5 ^{c*}	7 ^{cd}	7 ^{cd}	46*
	% na	40,0	20,0	75,0	25,0	35,0	35,0	44,3
	coluna	(19,12; 63,95)	(5,73; 43,66)	(50,90; 91,34)	(8,66; 49,10)	(15,39; 59,22)	(15,39; 59,22)	(35,2; 53,8)
Total	N	20	20	20	20	20	20	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 53 – Frequência de moradores que vêem pratos de comida destinados aos cães errantes nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	14 ^{ab}	16 ^{ab}	7 ^a	14 ^{ab}	17 ^b	12 ^{ab}	80
	% na	70,0	80,0	35,0	70,0	85,0	60,0	63,5
	coluna	(45,72; 88,11)	(56,34; 94,27)	(15,39; 59,22)	(45,72; 88,11)	(62,11; 96,79)	(36,05; 80,88)	(54,1; 72,1)
Sim	N	6 ^{cd}	4 ^{cd*}	13 ^c	6 ^{cd}	3 ^{d*}	8 ^{cd}	40*
	% na	30,0	20,0	65,0	30,0	15,0	40,0	36,5
	coluna	(11,89; 54,28)	(5,73; 43,66)	(40,78; 84,61)	(11,89; 54,28)	(3,21; 37,89)	(19,12; 63,95)	(27,9; 45,9)
Total	N	20	20	20	20	20	20	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 54 – Mediana, percentis e número de observações do número de dias na semana em que o lixo é descartado nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Mediana		3,00 ^a	7,00 ^b	3,00 ^a	3,00 ^a	7,00 ^b	3,00 ^a	3,00
Percentil 25 – 75		3,00 – 3,00	3,25 – 7,00	3,00 – 3,00	2,00 – 3,00	6,00 – 7,00	2,00 – 3,00	3,00 – 7,00
N		20	20	20	20	20	19	119

Nota: Letras indicam diferença das medianas; letras iguais indicam valores iguais.

Nas áreas de estudo, entrevistados que relataram não ver lixo nas ruas do entorno foram os mais frequentes, seguidos daqueles de viam lixo espalhado e finalmente pelos que viam lixo em sacos fechados. O Jardim Cibebe apresenta a menor frequência de pessoas que não viram lixo espalhado e a Vila Sônia apresenta a maior frequência. Entre as áreas,

não há diferença nas frequências de moradores que viram lixo em sacos fechados. A maior frequência de moradores que viram lixo espalhado está no Jardim Cibeles e a menor, na Vila Sônia ($p=0,016$). Na Assunção e na Barra Funda, houve maior frequência de pessoas que não viram lixo e que viram lixo espalhado e este último não diferiu da frequência de pessoas que viram lixo em sacos. No Jardim Cibeles, houve maior frequência de pessoas que viram lixo espalhado e que não viram lixo e este último não diferiu da frequência de pessoas que viram lixo em sacos. No Jockey, Pinheiros e Vila Sônia houve maior frequência de pessoas que não viram lixo e a frequência de lixo espalhado e em saco foi semelhante (Tabela 55).

A maioria dos domicílios acondiciona seu lixo em sacos de lixo, nas áreas de estudo. O Jockey foi a área onde o acondicionamento de lixo em sacos teve maior frequência e Assunção e Barra Funda onde essa frequência foi menor ($p=0,008$). No Jockey e em Pinheiros, a frequência de acondicionamento de lixo em sacolas de mercado foi menor que em sacos de lixo e nas demais áreas as frequências foram semelhantes (Tabela 56).

Nas áreas de estudo, o lixo foi descartado com maior frequência na calçada, em seguida em lixeiras sem tampa e finalmente em lixeiras com tampa. Entre as áreas, Assunção, Pinheiros e Vila Sônia têm as maiores frequências de descarte de lixo na calçada e Barra Funda e Jardim Cibeles tem as menores frequências. Jardim Cibeles tem a maior frequência de descarte de lixo em lixeira sem tampa, enquanto Assunção, Barra Funda, Pinheiros e Vila Sônia têm as menores frequências ($p<0,001$). As frequências de utilização de lixeira com tampa são semelhantes entre as áreas. No Jardim Cibeles, a maior frequência de descarte de lixo foi em lixeira sem tampa. No Jockey e na Barra Funda, os tipos de lixeira possuem frequências semelhantes. Em Pinheiros, Vila Sônia e Assunção a forma de descarte mais frequente foi a calçada (Tabela 57).

Tabela 55 – Frequência de moradores que vêm lixo na rua nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	12 ^{ab*}	11 ^{ab*}	7 ^{a*#}	14 ^{ab}	14 ^{ab}	17 ^b	75
	% na	60,0	55,0	35,0	70,0	77,8	85,0	61,4
	coluna	(36,05; 80,88)	(31,53; 76,94)	(15,39; 59,22)	(45,72; 88,11)	(52,36; 93,59)	(62,11; 96,79)	(51,7; 70,2)
Em sacos	N	1 [#]	1 [#]	1 [*]	3 [*]	0 [*]	2 [*]	8 [*]
	% na	5,0	5,0	5,0	15,0	0	10,0	5,4
	coluna	(0,13; 24,87)	(0,13; 24,87)	(0,13; 24,87)	(3,21; 37,89)	(0; 18,53)	(3,21; 37,89)	(2,4; 11,9)
Espalhado	N	7 ^{cd*#}	8 ^{cd*#}	12 ^{c#}	3 ^{cd*}	4 ^{cd*}	1 ^{d*}	35 [#]
	% na	35,0	40,0	60,0	15,0	22,2	5,0	33,2
	coluna	(15,39; 59,22)	(19,12; 63,95)	(36,05; 80,88)	(3,21; 37,89)	(6,41; 47,64)	(0,13; 24,87)	(24,9; 42,8)
Total	N	20	20	20	20	18	20	118

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 56 – Frequência da forma como o lixo do domicílio é acondicionado nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Sacola de mercado	N	9 ^a	9 ^a	5 ^{ab}	0 ^b	3 ^{ab}	7 ^{ab}	33
	% na	45,0	45,0	29,4	0	15,0	35,0	31,3
	coluna	(23,06; 68,47)	(23,06; 68,47)	(10,31; 55,96)	(0; 16,84)	(3,21; 37,89)	(15,39; 59,22)	(22,8; 41,2)
Saco de lixo	N	11 ^c	11 ^c	12 ^{cd}	20 ^{d*}	17 ^{cd*}	13 ^{cd}	84 [*]
	% na	55,0	55,0	70,6	100	85,0	65,0	68,7
	coluna	(31,53; 76,94)	(31,53; 76,94)	(44,04; 89,69)	(83,16; 100)	(62,11; 96,79)	(40,78; 84,61)	(58,8; 77,2)
Total	N	20	20	17	20	20	20	117

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha

Tabela 57 – Frequência de tipo de lixeira dos domicílios nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibebe	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Calçada	N	17 ^a	7 ^b	3 ^b	9 ^{ab}	17 ^a	17 ^a	70
	% na	85,0	35,0	15,0	45,0	85,0	85,0	61,1
	coluna	(62,11; 96,79)	(15,39; 59,22)	(3,21; 37,89)	(23,06; 68,47)	(62,11; 96,79)	(62,11; 96,79)	(53,5; 68,3)
Lixeira sem tampa	N	3 ^{c*}	6 ^c	17 ^{d*}	8 ^{cd}	3 ^{c*}	2 ^{c*}	39 [*]
	% na	15,0	30,0	85,0	40,0	15,0	10,0	34,1
	coluna	(3,21; 37,89)	(11,89; 54,28)	(62,11; 96,79)	(19,12; 63,95)	(3,21; 37,89)	(1,23; 31,70)	(27,3; 41,6)
Lixeira com tampa	N	0 [*]	7	0	3	0 [*]	1 [*]	11 [#]
	% na	0	35,0	0	15,0	0	5,0	4,8
	coluna	(0; 16,84)	(15,39; 59,22)	(0; 16,84)	(3,21; 37,89)	(0; 16,84)	(0,13; 24,87)	(2,7; 8,3)
Total	N	20	20	20	20	20	20	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

A frequência de domicílios com criança foi inferior à de domicílios sem crianças nas áreas de estudo. Entre as áreas, o Jardim Cibeles apresentou a maior frequência de domicílios com criança, enquanto a Barra Funda apresentou a menor frequência ($p=0,006$). Na Assunção, Barra Funda, Pinheiros e Vila Sônia, a frequência de domicílios com criança foi inferior a de domicílios sem criança (Tabela 58).

Houve diferença no número médio de moradores por domicílio nas áreas de estudo ($p<0,001$). Observamos que a média da Assunção difere da média da Barra Funda ($p=0,035$) e esta da média do Jardim Cibeles ($p<0,001$), que também difere da média de Pinheiros ($p=0,012$) (Tabela 59).

Tabela 58 – Frequência de domicílios com criança nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibeles	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Não	N	15 ^{ab}	18 ^a	8 ^b	14 ^{ab}	16 ^{ab}	17 ^{ab}	88
	% na	75,0	90,0	40,0	73,7	80,0	85,0	70,3
	coluna	(50,90; 91,34)	(68,30; 98,77)	(19,12; 63,95)	(48,80; 90,85)	(56,34; 94,27)	(62,11; 96,79)	(60,9)
Sim	N	5 ^{cd*}	2 ^{c*}	12 ^d	5 ^{cd}	4 ^{cd*}	3 ^{cd*}	31*
	% na	25,0	10,0	60,0	26,3	20,0	15,0	29,7
	coluna	(8,66; 49,10)	(1,23; 31,70)	(36,05; 80,88)	(9,15; 51,20)	(5,73; 43,66)	(3,21; 37,89)	(21,7; 39,1)
Total	N	20	20	20	19	20	20	119

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 59 – Média, desvio padrão e número de observações do número de moradores por domicílio nas áreas de estudo – São Paulo – 2011

		Área						
		Assunção	Barra Funda	Jd Cibeles	Jockey	Pinheiros	Vila Sônia	Total
Média		3,00 ^{ac}	1,35 ^b	3,75 ^a	2,53 ^{ab}	1,90 ^{bc}	2,80 ^{ab}	2,55
Desvio Padrão		2,340	1,182	1,552	1,954	1,714	1,322	1,854
N		20	20	20	19	20	20	119

Nota: Letras indicam diferença das médias; letras iguais indicam valores iguais. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

5.4 Análise Univariada

Nas áreas sem presença de cães errantes, a tipologia de domicílio mais freqüente foi casa com quintal, seguida por apartamento e comércio e finalmente casa sem quintal. Nas áreas com presença de cães errantes a tipologia mais freqüente foi casa com quintal, seguida por casa sem quintal, apartamento e comércio. Não houve diferença das freqüências de cada tipologia de domicílio comparando-se áreas com e sem a presença de cães errantes, exceto na tipologia casa sem quintal, onde a freqüência foi maior em áreas com presença de cães errantes ($p < 0,001$) (Tabela 60).

Nas áreas sem presença de cães errantes, houve maior freqüência de domicílios sem animais do que domicílios com animais. Nas áreas com presença de animais não houve diferença das freqüências de casas com ou sem animais de estimação, nem diferença de freqüência entre as áreas com e sem presença de cães errantes ($p = 0,066$) (Tabela 61).

Tabela 60 – Freqüência de tipologia de domicílios nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Casa sem quintal	N	0	6 ^a	6 ^{*#}
	% na coluna	0 (0; 5,70)	15,4 (5,86; 30,53)	7,5 (3,7; 14,7)
Casa com quintal	N	50 [#]	28 [*]	78
	% na coluna	62,5 (50,96; 73,80)	71,8 (55,13; 85,00)	69,2 (66,3; 76,8)
Apartamento	N	10 [*]	0	10 ^{*#}
	% na coluna	12,5 (6,16; 21,79)	0,0 (0,0; 9,02)	4,6 (2,9; 7,2)
Comércio	N	20 [*]	5	25 [*]
	% na coluna	25,0 (15,99; 35,94)	12,8 (4,30; 27,43)	18,7 (12,3; 27,2)
Total	N	80	39	119

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 61 – Frequência de domicílios com animais de estimação nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	52	19	71
	% na coluna	65,0 (53,52; 75,33)	47,5 (31,51; 63,87)	56,6 (46,6; 66)
Sim	N	28*	21	49*
	% na coluna	35,0 (24,67; 46,48)	52,5 (36,13; 68,49)	43,4 (34; 53,4)
Total	N	80	40	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Nas áreas sem presença de cães errantes, a frequência de domicílios com cães foi menor que sem cães. Não houve diferença entre as áreas com e sem presença de cães errantes ($p=0,282$) (Tabela 62).

Não houve diferença de distribuição do número de cães por domicílio com cães das áreas com e sem presença de cães errantes ($p=0,932$) (Tabela 63).

Tabela 62 – Frequência de domicílios com cães nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	54	23	77
	% na coluna	67,5 (56,11; 77,55)	57,5 (40,89; 72,96)	62,7 (52,7; 71,8)
Sim	N	26*	17	43*
	% na coluna	32,5 (22,45; 43,89)	42,5 (27,04; 59,19)	37,3 (28,2; 47,3)
Total	N	80	40	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 63 – Mediana, percentis e número de observações do número de cães por domicílio com cães nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

	Presença de cães errantes		
	Não	Sim	Total
Mediana	1,00	1,00	1,00
Quartil 25 – 75	1,00 – 2,00	1,00 – 2,00	1,00 – 2,00
N	26	17	43

Nota: Letras indicam diferença das medianas; letras iguais indicam valores iguais.

Tanto nas áreas com presença de cães errantes como nas áreas sem presença de cães errantes, a frequência de domicílios sem gatos foi maior do que a frequência de domicílios com gatos. Não houve diferença entre as áreas com e sem presença de cães errantes quando comparadas pelo intervalo de confiança. Porém, o Teste Exato de Fischer ($p=0,032$) indica que a frequência de domicílios com gatos é maior nas áreas com presença de cães errantes (Tabela 64).

Não houve diferença ($p=0,599$) entre as médias do número de gatos por domicílios com gatos das áreas com e sem cães errantes (Tabela 65).

Tabela 64 – Frequência de domicílios com gatos nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	76	33	109
	% na	95,0	82,5	89,5
	coluna	(87,69; 98,62)	(67,22; 92,66)	(81,3; 94,4)
Sim	N	4*	7*	11*
	% na	5,0	17,5	10,5
	coluna	(1,38; 12,31)	(7,34; 32,78)	(5,6; 18,7)
Total	N	80	40	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 65 – Média, desvio padrão e número de observações do número de gatos por domicílio com gatos nas áreas com e sem cães errantes – São Paulo – 2011

	Presença de cães errantes		Total
	Não	Sim	
Média	1,25	1,43	1,39
Desvio Padrão	0,500	0,535	0,378
N	4	7	11

Nota: Letras indicam diferença das médias; letras iguais indicam valores iguais.

Tanto em áreas com a presença ou sem a presença de cães errantes, a frequência de casas com outros animais de estimação (que não cães e gatos) foi inferior à frequência de casas sem outros animais de estimação e não há diferença entre as áreas com e sem presença de cães errantes quando comparadas pelo intervalo de confiança. Porém, o Teste Exato de Fischer ($p=0,042$) indica que a frequência de domicílios com outros animais de estimação (que não cães e gatos) é maior nas áreas com presença de cães errantes (Tabela 66).

Não houve diferença ($p=0,114$) na distribuição do número de animais de estimação (que não cães e gatos) por domicílios com estes animais entre as áreas com e sem cães errantes (Tabela 67).

Não houve diferença na frequência dos gêneros, entre as áreas com e sem presença de cães errantes ($p=0,806$) (Tabela 68).

Não houve diferença ($p=0,839$) entre as médias de idade nas áreas com e sem cães errantes (Tabela 69).

Nas áreas sem presença de cães errantes a frequência de cães com raça definida foi maior do que a frequência de cães sem raça definida. A frequência de cães com raça definida foi maior e de cães sem raça definida foi menor nas áreas onde não havia presença de cães errantes ($p=0,002$) (Tabela 70).

Tabela 66 – Frequência de domicílios com animais de estimação (que não cães e gatos) nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	79	36	115
	% na	98,8	90,0	94,8
	coluna	(93,23; 99,97)	(76,34; 97,21)	(87,9; 97,9)
Sim	N	1*	4*	5*
	% na	1,3	10,0	5,2
	coluna	(0,03; 6,77)	(2,79; 23,66)	(2,1; 12,1)
Total	N	80	40	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 67 – Mediana, percentis e número de observações do número de animais de estimação (que não cães e gatos) por domicílio com animais de estimação (que não cães e gatos) nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Mediana		1,00	2,00	2
Quartil 25 – 75		1,00 – 1,00	2,00 – 3,00	1,5 – 3
N		1	4	5

Nota: Letras indicam diferença das medianas; letras iguais indicam valores iguais. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 68 – Frequência dos gêneros de cães domiciliados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Macho	N	19	12	31
	% na	47,5	44,4	44,2
	coluna	(31,51; 63,87)	(25,48; 64,67)	(31,2; 58)
Fêmea	N	21	15	36
	% na	52,5	55,6	55,8
	coluna	(36,13; 68,49)	(35,33; 74,52)	(42; 68,8)
Total	N	40	27	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 69 – Média, desvio padrão e número de observações da idade dos cães domiciliados nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011

	Presença de cães errantes		
	Não	Sim	Total
Média	5,49	5,30	5,53
Desvio Padrão	3,178	3,783	3,77
N	39	23	62

Nota: Letras indicam diferença das médias; letras iguais indicam valores iguais. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 70 – Frequência de cães domiciliados com raça definida nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	10 ^a	18 ^b	28
	% na coluna	27,0 (13,79; 44,12)	66,7 (46,04; 83,48)	45,2 (32,5; 58,5)
	N	27 ^{*c}	9 ^d	36
Sim	% na coluna	73,0 (55,88; 86,21)	33,3 (16,52; 53,96)	54,8 (41,5; 67,5)
	Total	37	27	64

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Não houve diferença entre as frequências dos diferentes portes (tamanho) dos animais, em cada área ou entre as áreas com e sem presença de cães errantes quando comparadas pelo intervalo de confiança. Porém, o Teste de Qui-quadrado ($p=0,010$) indica que há diferença na frequência de portes de cães entre as áreas de estudo com e sem presença de cães errantes (Tabela 71).

Nas áreas sem presença de cães errantes, a frequência de aquisição de cães filhotes foi maior do que a aquisição de cães adultos. Não houve diferença entre as áreas com e sem presença de cães errantes quando comparadas pelo intervalo de confiança. Porém, o Teste Exato de Fischer ($p=0,043$) indica que a frequência de cães adquiridos adultos é maior nas áreas de estudo com presença de cães errantes (Tabela 72).

Nas áreas em que houve presença de cães errantes, a frequência de aquisição de cães sem custo foi maior do que aquisição com custo e nas áreas sem presença de cães errantes não houve diferença entre aquisição com ou sem custo. Não houve diferença entre as áreas quando comparadas pelos intervalos de confiança. Porém, o Teste de Qui-quadrado ($p=0,004$) indica que a frequência de aquisição de cães sem custo é maior nas áreas de estudo com presença de cães errantes (Tabela 73).

Tabela 71 – Frequência das categorias de porte de cães domiciliados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		Total
		Não	Sim	
Pequeno	N	18	9	27
	% na coluna	45,0 (29,26; 61,51)	33,3 (16,52; 53,96)	43,2 (30,6; 56,7)
Médio	N	6	13	19
	% na coluna	15,0 (5,71; 29,84)	48,1 (28,67; 68,05)	32,1 (21,3; 45,3)
Grande	N	16	5	21
	% na coluna	40,0 (24,87; 56,67)	18,5 (6,30; 38,08)	24,7 (15; 37,9)
Total	N	40	27	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 72 – Frequência de faixa etária na aquisição dos cães domiciliados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		Total
		Não	Sim	
Filhote	N	36	19	55
	% na coluna	90,0 (76,34; 97,21)	70,4 (49,82; 86,25)	76,8 (62,8; 86,6)
Adulto	N	4*	8	12*
	% na coluna	10,0 (2,79; 23,66)	29,6 (13,75; 50,18)	23,2 (13,4; 37,2)
Total	N	40	27	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 73 – Freqüência das categorias de custo de aquisição de cães domiciliados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Sem Custo	N	24	24	48
	% na coluna	60,0	92,3	81,5
		(43,33; 75,14)	(74,87; 99,05)	(70,3; 89,1)
Com Custo	N	16	2*	18*
	% na coluna	40,0	7,7	18,5
		(24,87; 56,67)	(0,95; 25,13)	(10,9; 29,7)
Total	N	40	26	66

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Nas áreas sem presença de cães errantes, não houve diferença das freqüências de origem dos cães domiciliados. Nas áreas com presença de cães errantes, a origem mais freqüente dos cães domiciliados foi “amigo” e as menos freqüentes foram abrigo de animais abandonados e canil de criação. As freqüências entre as áreas foram semelhantes ($p=0,372$) (Tabela 74).

Nas áreas com e sem presença de cães errantes, a freqüência de cães domiciliados adquiridos na cidade de São Paulo foi maior do que a de cães adquiridos em outros locais e não houve diferença entre as áreas quando comparadas pelo intervalo de confiança. Porém, o Teste Exato de Fischer ($p=0,011$) indica que a freqüência de cães adquiridos fora da cidade de São Paulo é menor nas áreas de estudo com presença de cães errantes (Tabela 75).

Nas áreas sem presença de cães errantes, a freqüência de cães vacinados em clínicas particulares foi maior do que as freqüências de cães vacinados pela prefeitura ou não vacinados ($p=0,010$). Não houve diferença entre as áreas (Tabela 76).

Nas áreas sem presença de cães errantes, a freqüência de cães que receberam vacina diferente da vacina contra raiva foi maior do que a freqüência de cães que não receberam, situação que se inverte nas áreas com presença de cães errantes. Houve

diferença entre as áreas, sendo maior a frequência de cães vacinados em áreas sem presença de cães errantes ($p=0,003$) (Tabela 77).

Tabela 74 – Frequência de origem de cães domiciliados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Loja	N	6	3 ^{*#}	9 ^{*#}
	% na	16,2	12,0	14,1
	coluna	(6,19; 32,01)	(2,55; 31,22)	(6,7; 27,3)
Canil	N	9	1 [*]	10 [*]
	% na	24,3	4,0	9,8
	coluna	(11,77; 41,20)	(0,10; 20,35)	(4,7; 19,3)
Abrigo	N	1	1 [*]	2 [*]
	% na	2,7	4,0	3,9
	coluna	(0,07; 14,16)	(0,10; 20,35)	(0,9; 15,9)
Rua	N	6	5 ^{*#}	11 ^{*#}
	% na	16,2	20,0	19,8
	coluna	(6,19; 32,01)	(6,83; 40,70)	(10,8; 33,5)
Amigo	N	10	10 [#]	20 [#]
	% na	27,0	40,0	34,1
	coluna	(13,79; 44,12)	(21,13; 61,33)	(22,1; 48,6)
Casa	N	5	5 ^{*#}	10 ^{*#}
	% na	13,5	20,0	18,2
	coluna	(4,54; 28,77)	(6,83; 40,70)	(9,5; 32,2)
Total	N	37	25	62

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 75 – Frequência de cães domiciliados com origem da cidade de São Paulo nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	11	1	12
	% na	27,5	3,7	10,7
	coluna	(14,60; 43,89)	(0,09; 18,97)	(5,3; 20,6)
Sim	N	29 [*]	26 [*]	55 [*]
	% na	72,5	96,3	89,3
	coluna	(56,11; 85,40)	(81,03; 99,91)	(79,4; 94,7)
Total	N	40	27	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 76 – Frequência dos locais de aplicação da vacina contra raiva nos cães domiciliados no ano anterior ao da realização da pesquisa nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não recebeu	N	2	5	7
	% na	5,3	20,8	13,1
	coluna	(0,64; 17,75)	(7,13; 42,15)	(5,9; 26,5)
PMSP	N	6	9	15
	% na	15,8	37,5	30,1
	coluna	(6,02; 31,25)	(18,80; 59,41)	(18,7; 44,7)
Particular	N	30*	10	40*
	% na	78,9	41,7	56,8
	coluna	(62,68; 90,45)	(22,11; 63,36)	(43,4; 69,3)
Total	N	38	24	62

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 77 – Frequência de cães domiciliados que receberam vacina diferente da vacina contra raiva no ano anterior ao da realização da pesquisa nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	8 ^a	16 ^b	24
	% na	20,5	61,5	48,4
	coluna	(9,30; 36,46)	(40,57; 79,77)	(37,1; 59,8)
Sim	N	31 ^{c*}	10 ^{d*}	41*
	% na	79,5	38,5	51,6
	coluna	(63,54; 90,70)	(20,23; 59,43)	(40,2; 62,9)
Total	N	39	26	65

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Nas áreas sem presença de cães errantes, a frequência de cães domiciliados com problemas de comportamento foi inferior à frequência de cães sem problemas de comportamento. Nas áreas com presença de cães errantes, não houve diferença entre as frequências e também não houve diferença entre as áreas quando comparadas pelo intervalo de confiança. Porém, o Teste Exato de Fischer ($p=0,009$) indica que a frequência

de cães com problemas de comportamento é maior nas áreas de estudo com presença de cães errantes (Tabela 78).

Em áreas com e sem presença de cães errantes, a frequência de cães considerados agressivos pelos proprietários foi inferior à frequência de cães considerados não agressivos. Não houve diferença entre as áreas ($p=0,087$) (Tabela 79).

Não houve diferença de frequência de direcionamento da agressividade de cães agressivos em áreas com e sem presença de cães errantes ($p=1,0$) (Tabela 80).

Tabela 78 – Frequência de cães domiciliados com problemas de comportamento referido pelo proprietário nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	37	18	55
	% na coluna	92,5 (79,61; 98,43)	66,7 (46,04; 83,48)	74,5 (60,4; 84,8)
Sim	N	3*	9	12*
	% na coluna	7,5 (1,57; 20,39)	33,3 (16,52; 53,96)	25,5 (15,2; 39,6)
Total	N	40	27	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 79 – Frequência de cães domiciliados considerados agressivos nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	37	21	58
	% na coluna	92,5 (79,61; 98,43)	77,8 (57,74; 91,38)	86,684,4 (71,3; 92,2)
Sim	N	3*	6*	9*
	% na coluna	7,5 (1,57; 20,39)	22,2 (8,62; 42,26)	15,6 (7,8; 28,7)
Total	N	40	27	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 80 – Frequência do direcionamento da agressividade, em cães agressivos, nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Animais	N	1	2	3
	% na	33,3	33,3	29,1
	coluna	(0,84; 90,57)	(4,33; 77,72)	(9,2; 62,4)
Pessoas	N	2	4	6
	% na	66,7	66,7	70,9
	coluna	(9,43; 99,16)	(22,28; 95,67)	(37,6; 90,8)
Total	N	3	6	9

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Nas áreas sem presença de cães errantes a frequência de cães mantidos dentro de casa é maior que a frequência de cães mantidos no quintal ou com acesso aos dois ambientes, enquanto nas áreas com presença de cães errantes a maior frequência é de cães mantidos no quintal. A frequência de cães mantidos dentro de casa é maior nas áreas sem cães errantes e a frequência de cães mantidos no quintal é maior em áreas com presença de cães errantes ($p < 0,001$) (Tabela 81)

Tabela 81 – Frequência dos locais de manutenção dos cães nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Dentro de casa	N	30 ^a	3 ^{*b}	33
	% na	75,0	11,1	38,1
	coluna	(58,80; 87,31)	(2,35; 29,16)	(29; 48,1)
Quintal	N	7 ^{*c}	21 ^d	28
	% na	17,5	77,8	51,8
	coluna	(7,34; 32,78)	(57,74; 91,38)	(40,4; 63)
Ambos	N	3 [*]	3 [*]	6 [*]
	% na	7,5	11,1	10,1
	coluna	(1,57; 20,39)	(2,35; 29,16)	(4,2; 12,3)
Total	N	40	27	67

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Não houve diferença de frequência de local de repouso dos cães mantidos dentro de casa entre as áreas com e sem presença de cães errantes ($p=1,0$) (Tabela 82).

Nas áreas sem presença de cães errantes, entre os cães mantidos no quintal, a frequência de cães que repousam em casinha foi maior que a frequência de cães que repousam em canil ou presos em corrente ($p=0,027$). Não houve diferença de frequência entre as áreas com e sem presença de cães errantes (Tabela 83).

Tabela 82 – Frequência de local de repouso dos cães mantidos dentro de casa em áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		Total
		Não	Sim	
Cama Humana	N	24	3	27
	% na	75,0	75,0	64,7
	coluna	(56,60; 88,54)	(19,41; 99,37)	(47,2; 78,9)
Cama Própria	N	8	1	9
	% na	25,0	25,0	35,3
	coluna	(11,46; 43,40)	(0,63; 80,59)	(21,1; 52,8)
Total	N	32	4	36

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 83 – Frequência de local de repouso dos cães mantidos no quintal em áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		Total
		Não	Sim	
Canil	N	0	4	4
	% na	0	20,0	17,1
	coluna	(0; 36,94)	(5,73; 43,66)	(6,3; 38,8)
Casinha	N	8*	9	17
	% na	100	45,0	53,2
	coluna	(63,06; 100)	(23,06; 68,47)	(34,3; 71,3)
Corrente	N	0	7	7
	% na	0	35,0	29,6
	coluna	(0; 36,94)	(15,39; 59,22)	(14,6; 50,9)
Total	N	8	20	28

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Nas áreas sem presença de cães errantes a frequência de cães domiciliados com acesso a rua foi maior do que a frequência de cães sem acesso ($p=0,034$), mas nas áreas com presença de cães errantes não houve diferença na frequência de cães com e sem acesso a rua. Entre as áreas não houve diferença (Tabela 84).

Nas áreas sem presença de cães errantes, a frequência de cães restritos com guia ao ter acesso à rua foi maior e a frequência de cães que saem sem supervisão foi menor. Nas áreas com presença de cães errantes não houve diferença entre as frequências e não houve diferença entre as áreas ($p=0,708$) (Tabela 85)

Tanto em áreas com e sem presença de cães errantes, a frequência de cães sob cuidados de um funcionário foi inferior à frequência de cães sob cuidados de membros da família. Não houve diferença entre as áreas ($p=0,455$) (Tabela 86).

Nas áreas sem presença de cães errantes a frequência de cães sob responsabilidade de mulheres foi maior do que frequência de cães sob responsabilidade de homens, enquanto nas áreas com presença de cães errantes não houve diferença na frequência de gênero do responsável. Entre as áreas não houve diferença de frequências ($p=0,169$) (Tabela 87).

Tabela 84 – Frequência de cães domiciliados com acesso a rua nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	9	13	22
	% na coluna	23,1 (11,13; 39,33)	48,1 (28,67; 68,05)	41,8 (29,4; 55,3)
Sim	N	30*	14	44
	% na coluna	76,9 (60,67; 88,87)	51,9 (31,95; 71,33)	58,2 (44,7; 70,6)
Total	N	39	27	66

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 85 – Frequência dos níveis de restrição de movimento dos cães ao ter acesso à rua nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Com Guia	N	18*	8	26*
	% na	60,0	57,1	47,5
	coluna	(40,60; 77,34)	(28,86; 82,34)	(31,6; 63,9)
Sem Guia	N	10* [#]	4	14* [#]
	% na	33,3	28,6	41,4
	coluna	(17,29; 52,81)	(8,39; 58,10)	(26,6; 57,9)
Sozinho	N	2 [#]	2	4 [#]
	% na	6,7	14,3	11,1
	coluna	(0,82; 22,07)	(1,78; 42,81)	(3,7; 28,8)
Total	N	30	14	44

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 86 – Frequência de cães sob responsabilidade da família ou de funcionários do domicílio nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Funcionário	N	6	2	8
	% na	15,4	7,4	7,6
	coluna	(5,86; 30,53)	(0,91; 24,29)	(3; 17,8)
Família	N	33*	25*	58*
	% na	84,6	92,6	92,4
	coluna	(69,47; 94,14)	(75,71; 99,09)	(82,2; 97)
Total	N	39	27	66

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 87 – Frequência de gênero do responsável pelo cão domiciliado nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Homem	N	7	9	16
	% na	18,4	33,3	23,7
	coluna	(7,74; 34,33)	(16,52; 53,96)	(14,5; 36,4)
Mulher	N	31*	18	49*
	% na	81,6	66,7	76,3
	coluna	(65,67; 92,26)	(46,04; 83,48)	(63,6; 85,5)
Total	N	38	27	65

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

A média de idade dos responsáveis pelos cães em áreas com presença de cães errantes foi menor ($p=0,014$) do que a média de idade dos responsáveis pelos cães nas áreas sem cães errantes (Tabela 88).

Não houve diferença de freqüências de nível de escolaridade do responsável pelo cão domiciliado dentro das áreas com e sem presença de cães errantes. Também não houve diferença entre as áreas ($p=0,155$) (Tabela 89).

Tabela 88 – Média, desvio padrão e número de observações da idade do responsável pelo cão domiciliado nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

	Presença de cães errantes		Total
	Não	Sim	
Média	55,89	44,30	49,89
Desvio Padrão	16,955	19,418	18,74
N	37	27	64

Nota: Letras indicam diferença das médias; letras iguais indicam valores iguais. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 89 – Freqüência dos níveis de escolaridade do responsável pelos cães domiciliados nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		Total
		Não	Sim	
Básico	N	7	4	11
	% na coluna	18,4 (7,74; 34,33)	17,4 (4,95; 38,78)	15,8 (8,1; 28,5)
Fundamental	N	6	4	10
	% na coluna	15,8 (6,02; 31,25)	17,4 (4,95; 38,78)	16,6 (8,4; 30,3)
Médio	N	9	11	20
	% na coluna	23,7 (11,44; 40,24)	47,8 (26,82; 69,41)	37,3 (26,5; 49,6)
Superior	N	16	4	20
	% na coluna	42,1 (26,31; 59,18)	17,4 (4,95; 38,78)	30,3 (19,8; 43,3)
Total	N	38	23	61

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Nas áreas sem presença de cães errantes a frequência de cães considerados como parte da família foi maior do que a frequência de cães considerados como amigo, mas nas áreas com presença de cães errantes não houve diferença entre as frequências. Não houve diferença das frequências entre as áreas ($p=0,769$) (Tabela 90).

Nas áreas onde houve presença de cães errantes a frequência de cães que não viajam com a família foi maior do que frequência de cães que viajam às vezes ou sempre. Nas áreas sem presença de cães errantes não houve diferença de frequências. A frequência de cães que não viajam com a família foi maior em áreas com presença de cães errantes, enquanto a frequência de cães que viajam com a família às vezes foi maior nas áreas sem presença de cães errantes ($p=0,001$) (Tabela 91).

Tanto nas áreas com como nas áreas sem presença de cães errantes, a frequência de proprietários que consideram seus cães doentes foi inferior à frequência dos que não os consideram doentes. Não houve diferença entre as áreas ($p=0,455$) (Tabela 92).

Tabela 90 – Frequência das formas como o cão foi considerado pela família nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Amigo	N	10	8	18
	% na	26,3	29,6	27,2
	coluna	(13,40; 43,10)	(13,75; 50,18)	(16,6; 41,2)
Família	N	28*	19	47*
	% na	73,7	70,4	72,8
	coluna	(56,90; 86,60)	(49,82; 86,25)	(58,8; 83,4)
Total	N	38	27	65

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 91 – Frequência de cães que viajam com a família em áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	11 ^a	23 ^b	34*
	% na coluna	28,2 (15,00; 44,87)	85,2 (66,27; 91,81)	61,3 (49,8; 71,6)
Às vezes	N	18 ^c	2 ^{d*}	20* [#]
	% na coluna	46,2 (30,09; 62,82)	7,4 (0,91; 24,29)	24,5 (16,6; 34,6)
Sempre	N	10	2*	12 [#]
	% na coluna	25,6 (13,04; 42,13)	7,4 (0,91; 24,29)	14,2 (8,1; 23,8)
Total	N	39	27	66

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 92 – Frequência de proprietários que consideraram seus cães doentes nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	33	25	58
	% na coluna	84,6 (69,47; 94,14)	92,6 (75,71; 99,09)	88,4 (76,6; 94,6)
Sim	N	6*	2*	8*
	% na coluna	15,4 (5,86; 30,53)	7,4 (0,91; 24,29)	11,6 (5,4; 23,4)
Total	N	39	27	66

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Nas áreas sem presença de cães errantes a frequência de proprietários que consideram que seu cão dá mais trabalho do que o esperado no momento da aquisição foi inferior aos que não pensam desta forma ($p=0,028$). Nas áreas com presença de cães errantes não houve diferença de frequências e também não houve diferença entre as áreas (Tabela 93).

Não houve diferença de frequência de cães domiciliados esterilizados dentro de cada área ou entre as áreas ($p=0,365$) (Tabela 94).

Tabela 93 – Frequência de proprietários que consideram que seus cães demandam mais trabalho do o esperado no momento da aquisição nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	31	16	47
	% na coluna	83,8 (67,99; 93,81)	59,3 (38,80; 77,61)	66,3 (51,8; 78,3)
Sim	N	6*	11	17*
	% na coluna	16,2 (6,19; 32,01)	40,7 (22,39; 61,20)	33,7 (21,7; 48,2)
Total	N	37	27	64

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 94 – Frequência de cães domiciliados esterilizados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	26	14	40
	% na coluna	65,0 (48,32; 79,37)	53,8 (33,37; 73,41)	59,2 (45,2; 71,8)
Sim	N	14	12	26
	% na coluna	35,0 (20,63; 51,68)	46,2 (26,59; 66,63)	40,8 (28,2; 54,8)
Total	N	40	26	66

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Não houve diferença das médias de tempo decorrido desde a esterilização nas áreas com e sem presença de cães errantes ($p=0,445$) (Tabela 95).

Não houve diferença de frequência do motivo para esterilização entre as áreas com a sem presença de cães errantes ($p=0,276$) (Tabela 96).

Tanto em áreas com como em áreas sem a presença de cães errantes, a frequência de cães que tiveram ninhadas foi inferior a de cães que não tiveram e não houve diferença entre as áreas ($p=0,199$) (Tabela 97).

Não houve diferença entre o número médio de ninhadas de cães domiciliados em áreas com e sem presença de cães errantes ($p=0,316$) (Tabela 98), tampouco entre o número médio de filhotes de cães domiciliados em áreas com e sem a presença de cães errantes ($p=0,126$) (Tabela 99).

Tabela 95 – Média, desvio padrão e número de observações de tempo em anos decorrido desde a esterilização dos cães esterilizados nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011

	Presença de cães errantes		
	Não	Sim	Total
Média	2,69	2,0	2,0
Desvio Padrão	2,057	0,894	1,22
N	13	6	19

Nota: Letras indicam diferença das médias; letras iguais indicam valores iguais.

Tabela 96 – Frequência de motivo para esterilização dos cães esterilizados nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Cria	N	8	7	15
	% na coluna	57,1	63,6	59,1
		(28,86; 82,34)	(30,79; 89,07)	(37,3; 77,8)
Doença	N	4	0	4
	% na coluna	28,6	0	13,6
		(8,39; 58,10)	(0; 28,49)	(5,7; 29,2)
Cio	N	1	1	2
	% na coluna	7,1	9,1	9,6
		(0,18; 33,87)	(0,23; 41,28)	(2,1; 34,1)
Outros	N	0	1	1
	% na coluna	0	9,1	6,2
		(0; 23,16)	(0,23; 41,28)	(0,8; 34,8)
Associações	N	1	2	3
	% na coluna	7,1	18,2	11,6
		(0,18; 33,87)	(2,28; 51,78)	(3,1; 35,2)
Total	N	14	11	25

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 97 – Frequência de cães que tiveram ninhadas nos domicílios das áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	32	22	54
	% na coluna	82,1 (66,47; 92,47)	84,6 (65,13; 95,64)	84,9 (71,8; 92,6)
Sim	N	7*	2*	9*
	% na coluna	17,9 (7,54; 33,54)	7,7 (0,95; 25,13)	15,1 (7,4; 28,2)
Total	N	39	24	63

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 98 – Média, desvio padrão e número de observações do número de ninhadas de cães domiciliados em áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Média		1,71	3,00	2,36
Desvio Padrão		1,113	2,828	2,187
N		7	2	9

Nota: Letras indicam diferença das médias; letras iguais indicam valores iguais.

Tabela 99 – Média, desvio padrão e número de observações do número total de filhotes dos cães domiciliados em áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Média		6,43	13,00	9,12
Desvio Padrão		3,101	9,899	7,596
N		7	2	9

Nota: Letras indicam diferença das médias; letras iguais indicam valores iguais.

Não houve diferença de frequência de destino dos filhotes dentro de cada área ou entre as áreas ($p=0,107$) (Tabela 100).

Tanto em áreas com, como em áreas sem a presença de cães errantes, a frequência de domicílios que deixaram de ter algum cão no ano anterior ao da realização da pesquisa

foi inferior a de domicílios que não e não houve diferença entre as áreas ($p=0,083$) (Tabela 101).

Não houve diferença das frequências de destinos de cães que, no ano anterior ao da realização da pesquisa, deixaram de ser mantidos nas domicílios entrevistadas dentro das áreas com e sem presença de cães errantes e também não houve diferença entre as áreas ($p=0,085$) (Tabela 102).

Tabela 100 – Frequência de destino dos filhotes de cães domiciliados nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Morreu	N	0	1	1
	% na coluna	0 (0; 40,96)	50 (1,26; 98,72)	16,9 (2,3; 63,4)
Deu	N	1	1	2
	% na coluna	14,29 (0,36; 57,87)	50 (1,26; 98,72)	26,2 (6,1; 65,9)
Vendeu	N	2	0	2
	% na coluna	28,57 (3,67; 70,96)	0 (0; 84,19)	12,5 (2,4; 45,3)
Associações	N	4	0	4
	% na coluna	57,14 (18,40; 90,10)	0 (0; 84,19)	44,4 (17,3; 75,4)
Total	N	7	2	9

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de cães nos domicílios, em cada área de estudo.

Tabela 101 – Frequência de domicílios que possuíam cão que deixou de viver no local no ano anterior ao da realização da pesquisa nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	74	32	106
	% na coluna	92,5 (84,39; 97,20)	82,1 (66,47; 92,47)	87,1 (78,3; 92,7)
Sim	N	6*	7*	13*
	% na coluna	7,5 (2,80; 15,61)	17,9 (7,54; 33,54)	12,9 (7,3; 21,7)
Total	N	80	39	119

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 102 – Frequência de destino do cão domiciliado que, no ano anterior ao da realização da pesquisa, deixou de ser mantido no domicílio, nas áreas com e sem presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Deu	N	1	3	4
	% na	16,7	42,9	36,9
	coluna	(0,42; 64,12)	(9,90; 81,59)	(14,5; 66,8)
Atropelado	N	0	1	1
	% na	0	14,3	9,4
	coluna	(0; 45,93)	(0,36; 57,87)	(1,3; 45,7)
Doença	N	0	2	2
	% na	0	28,6	18,8
	coluna	(0; 45,93)	(3,67; 70,96)	(4,8; 51,6)
Morreu	N	5	1	6
	% na	83,3	14,3	34,9
	coluna	(35,88; 99,58)	(0,36; 57,87)	(14,3; 63,2)
Total	N	6	7	13

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tanto em áreas com, como em áreas sem a presença de cães errantes, a frequência de moradores que já viram alguém abandonando cães na rua foi inferior a de moradores que não viram e não houve diferença entre as áreas quando comparadas pelo intervalo de confiança. Porém, o Teste de Qui-quadrado ($p=0,011$) indica que a frequência de moradores que viram pessoas abandonando cão é maior nas áreas de estudo com presença de cães errantes (Tabela 103).

Nas áreas com presença de cães errantes a frequência de moradores que vêem cães errantes é maior do que a frequência de moradores que não vêem. A frequência de moradores que não vê cães errantes foi maior nas áreas sem cães errantes ($p<0,001$) (Tabela 104).

Nas áreas sem presença de cães errantes a frequência de moradores que alimentam cães errantes foi inferior à frequência de pessoas que não alimentam. Não houve diferença entre as áreas ($p=0,205$) (Tabela 105).

Nas áreas sem presença de cães errantes a frequência de moradores que vêem outras pessoas alimentando cães errantes foi inferior à frequência dos que não vêem. A

freqüência de moradores que vêm outros alimentando cães errantes foi maior nas áreas com presença de cães errantes ($p=0,002$) (Tabela 106).

Nas áreas sem presença de cães errantes a freqüência de moradores que vêm pratos de comida para cães foi inferior aos que não vêm ($p=0,020$). Nas áreas com presença de cães errantes não houve diferença de freqüências e também não houve diferença entre as áreas (Tabela 107).

A distribuição do número de dias na semana em que os moradores descartam o lixo das domicílios foi diferente ($p=0,030$) entre as áreas com e sem presença de cães errantes (Tabela 108).

Tabela 103 – Freqüência de moradores que já viram pessoas abandonando cão nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	71	28	99
	% na coluna	88,8 (79,72; 94,72)	70,0 (53,47; 83,44)	79 (69,9; 85,9)
Sim	N	9*	12*	21*
	% na coluna	11,3 (5,28; 20,28)	30,0 (16,56; 46,53)	21 (14,1; 30,1)
Total	N	80	40	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 104 – Freqüência de moradores que vêm cães errantes nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	49 ^a	8 ^b	57
	% na coluna	61,3 (49,70; 71,94)	20,0 (9,05; 35,65)	44 (36; 52,3)
Sim	N	31 ^c	32 ^{d*}	63
	% na coluna	38,8 (28,06; 50,30)	80,0 (64,35; 90,95)	56 (47,7; 64)
Total	N	80	40	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 105 – Frequência de moradores que alimentam cães errantes nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	59	25	84
	% na	73,8	62,5	69,4
	coluna	(62,71; 82,96)	(45,80; 77,27)	(59,4; 77,9)
Sim	N	21*	15	36*
	% na	26,3	37,5	30,6
	coluna	(17,04; 37,29)	(22,73; 54,20)	(22,1; 40,6)
Total	N	80	40	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 106 – Frequência de moradores que vêm pessoas alimentando cães errantes nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	57 ^a	17 ^b	74
	% na	71,3	42,5	55,7
	coluna	(60,05; 80,82)	(27,04; 59,11)	(46,2; 64,8)
Sim	N	23 ^{c*}	23 ^d	46*
	% na	28,8	57,5	44,3
	coluna	(19,18; 39,95)	(40,89; 72,96)	(35,2; 53,8)
Total	N	80	40	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 107 – Frequência de moradores que vêm pratos de comida destinados aos cães errantes nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	59	21	80
	% na	73,8	52,5	63,5
	coluna	(62,71; 82,96)	(36,13; 68,49)	(54,1; 72,1)
Sim	N	21*	19	40*
	% na	26,3	47,5	36,5
	coluna	(17,04; 37,29)	(31,51; 63,87)	(27,9; 45,9)
Total	N	80	40	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 108 – Mediana, percentis e número de observações do número de dias na semana em que o lixo é descartado nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

	Presença de cães errantes		
	Não	Sim	Total
Mediana	3,00 ^a	3,00 ^b	3,00
Quartil 25 – 75	3,00 – 7,00	3,00 – 3,00	3,00 – 7,00
N	79	40	119

Nota: Letras indicam diferença das medianas; letras iguais indicam valores iguais. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

A frequência de moradores que vêm lixo em sacos foi inferior tanto nas áreas com, como nas sem presença de cães errantes. Não houve diferença entre as áreas quando comparadas pelo intervalo de confiança. Porém, o Teste de Qui-quadrado ($p=0,010$) indica que há diferença entre as frequência de moradores que vêm lixo nas ruas entre as áreas de estudo com e sem presença de cães errantes (Tabela 109).

Nas áreas sem presença de cães errantes a frequência de acondicionamento de lixo em sacos de lixo foi maior do que em sacola de mercado. Nas áreas com presença de cães errantes não houve diferença de frequências e também não houve diferença entre as áreas ($p=0,115$) (Tabela 110).

Tabela 109 – Frequência de moradores que vêm lixo na rua nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	56	19	75
	% na	71,8	47,5	61,4
	coluna	(60,47; 81,41)	(31,51; 63,87)	(51,7; 70,2)
Em sacos	N	6*	2*	8*
	% na	7,7	5,0	5,4
	coluna	(2,88; 15,99)	(0,61; 16,92)	(2,4; 11,9)
Espalhado	N	16	19	35 [#]
	% na	20,5	47,5	33,2
	coluna	(12,20; 31,16)	(31,51; 63,87)	(24,9; 42,8)
Total	N	78	40	118

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 110 – Frequência da forma como o lixo do domicílio é acondicionado nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Sacola de mercado	N	19	14	33
	% na	23,8	37,8	31,3
	coluna	(14,95; 34,58)	(22,46; 55,24)	(22,8; 41,2)
Saco de lixo	N	61*	23	84*
	% na	76,3	62,2	68,7
	coluna	(65,42; 85,05)	(44,76; 77,54)	(58,8; 77,2)
Total	N	80	37	117

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Nas áreas sem presença de cães errantes a frequência de utilização de lixeira com e sem tampa foi inferior ao descarte do lixo na calçada. Nas áreas com presença de cães errantes o uso de lixeira com tampa foi menos frequente que os demais tipos de lixeira ($p=0,003$). Não houve diferença entre as áreas (Tabela 111).

Nas áreas sem presença de cães errantes a frequência de domicílios com crianças foi inferior a sem crianças ($p=0,004$). Nas áreas com presença de cães errantes não houve diferença de frequências e também não houve diferença entre as áreas (Tabela 112).

Tabela 111 – Frequência de tipo de lixeira dos domicílios nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Calçada	N	50	20	70
	% na	62,5	50,0	61,1
	coluna	(50,96; 73,08)	(33,80; 66,20)	(53,5; 68,3)
Lixeira sem tampa	N	19*	20	39*
	% na	23,8	50,0	34,1
	coluna	(14,95; 34,58)	(33,80; 66,20)	(27,3; 41,6)
Lixeira com tampa	N	11*	0*	11 [#]
	% na	13,8	0	4,8
	coluna	(7,07; 23,27)	(0; 8,81)	(2,7; 8,3)
Total	N	80	40	120

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

Tabela 112 – Frequência de domicílios com criança nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Não	N	65	23	88
	% na coluna	82,3 (70,97; 89,11)	57,5 (40,89; 72,96)	70,3 (60,9)
Sim	N	14*	17	31*
	% na coluna	17,7 (9,91; 27,62)	42,5 (27,04; 59,11)	29,7 (21,7; 39,1)
Total	N	79	40	119

Nota: Letras indicam diferença nas linhas; letras iguais indicam valores iguais nas linhas. Símbolos indicam diferença nas colunas; símbolos iguais indicam valores iguais nas colunas. O total da linha não foi comparado com os outros valores da linha. Os valores totais foram ponderados pelo número de domicílios em cada área de estudo.

A distribuição do número de moradores por domicílio foi diferente ($p=0,001$) entre as áreas com e sem presença de cães errantes. Os domicílios nas áreas com presença de cães errantes têm maior número de moradores (Tabela 113).

Tabela 113 – Mediana, percentis e número de observações do número de moradores por domicílio nas áreas com e sem a presença de cães errantes – São Paulo – 2011

		Presença de cães errantes		
		Não	Sim	Total
Mediana		2,00 ^a	3,00 ^b	2,00
Quartil 25 – 75		1,00 – 3,00	2,00 – 4,00	1,00 – 4,00
N		79	40	119

Nota: Letras indicam diferença das medianas; letras iguais indicam valores iguais.

5.5 Análise Multivariada

Nesta seção serão apresentados os modelos desenvolvidos com as variáveis relativas aos domicílios e aos cães domiciliados.

5.5.1 Modelo de Domicílios

As variáveis foram incluídas no modelo conforme o grau de associação observado na análise univariada, de acordo com a tabela 114. Algumas variáveis foram recodificadas para tal finalidade.

Tabela 114 – Variáveis dos domicílios utilizadas para elaboração do modelo de regressão logística, categorias de dados e nível de significância – São Paulo – 2011

Variáveis	Categoria basal	Categoria de risco	p
Número de moradores do domicílio	≤ 2	> 2	<0,001
Morador vê cães errantes na área de estudo	Não	Sim	<0,001
Número de dias de descarte de lixo na semana	≤ 3	> 3	<0,001
Morador vê outra pessoa alimentar cão errante	Não	Sim	0,002
Tipo de lixeira utilizada pelo domicílio	Com tampa	Sem tampa Calçada*	0,003
Presença de criança no domicílio	Não	Sim	0,004
Vê lixo nas ruas da área de estudo	Não	Em sacos Espalhado**	0,010
Morador viu cães serem abandonados	Não	Sim	0,011
Morador vê alimento destinado aos cães na rua	Não	Sim	0,020
Domicílio possui gato	Não	Sim	0,041
Domicílio possui outro animal (que não cão ou gato)	Não	Sim	0,042
Domicílio possui animal de estimação	Não	Sim	0,066
Destino do cão que deixou de viver no domicílio no ano anterior à pesquisa	Morreu***	Deu	0,085
Forma de acondicionamento do lixo do domicílio	Saco de lixo	Saco de mercado	0,115
Cão deixou de viver no domicílio no ano anterior à pesquisa	Não	Sim	0,117

* Foram consideradas 3 categorias desta variável, sendo a de maior risco calçada.

** Foram consideradas 3 categorias desta variável, sendo a de maior risco espalhado.

*** Na categoria morreu foram agrupadas as categorias morte natural, doença e atropelamento.

O modelo final está representado na tabela 115

Tabela 115 – Modelo de regressão logística proposto para as variáveis referentes aos domicílios – São Paulo – 2011

Variável	Odds Ratio (OR)	IC OR	r ²
Número de dias de descarte do lixo	16,92	3,29; 86,98	35,1%
Número de moradores do domicílio	3,59	1,32; 9,81	
Morador vê cães errantes	4,91	1,76; 13,74	
Vê outra pessoa dar alimento	3,31	1,21; 9,05	

5.5.2 Modelo de Cães

As variáveis foram recodificadas com os valores entre parênteses, aqui apresentados na ordem de menor para maior risco e foram adicionadas ao modelo na seguinte ordem:

Tabela 116 – Variáveis dos cães domiciliados utilizadas para elaboração do modelo de regressão logística, categorias de dados e nível de significância – São Paulo

Variáveis	Categoria basal	Categoria de risco	p
Local de manutenção do cão	Dentro de casa	Acesso ao quintal	<0,001
Cão viaja com a família	Sempre e às vezes	Nunca	<0,001
Idade do responsável	≥ 49 anos	< 49 anos	0,002
Cão possui raça definida	Sim	Não	0,002
Cão recebeu vacina diferente da vacina contra raiva no ano anterior à pesquisa	Sim	Não	0,003
Custo de aquisição	Com custo	Sem custo	0,004
Apresenta problema de comportamento	Não	Sim	0,010
Local onde o cão recebeu a vacina contra raiva	Clínica	PMSP Não*	0,010
Porte do cão	Pequeno e grande	Médio	0,010
Cão adquirido na cidade de São Paulo	Não	Sim	0,020
Local de repouso do cão mantido no quintal	Casinha	Canil Corrente**	0,021
Cão dá mais trabalho do que o esperado	Não	Sim	0,030
Faixa etária do cão na aquisição	Filhote	Adulto	0,054
Tempo decorrido desde a castração	≥ 3 anos	< 3 anos	0,128
Cão já teve ninhadas	Não	Sim	0,199

* Foram consideradas 3 categorias desta variável, sendo a de maior risco não vacinar.

** Foram consideradas 3 categorias desta variável, sendo a de maior risco manter preso na corrente.

O modelo final está representado na tabela 117.

Tabela 117 – Modelo de regressão logística proposto para as variáveis referentes aos domicílios – São Paulo – 2011

Variável	Odds Ratio (OR)	IC OR	r²
Viaja com a família	15,11	2,61; 87,47	47,1%
Idade do responsável	17,59	2,92; 105,87	
Custo de aquisição	10,46	1,40; 78,22	

6 DISCUSSÃO

O objetivo geral e os objetivos específicos foram concluídos parcialmente. Foi avaliada a influência dos fatores socioeconômicos, ambientais e demográficos na presença ou ausência de cães errantes e não a correlação destes fatores com a dimensão da população errante, como proposto anteriormente. Como houve quatro dentre as seis áreas de estudo onde não observamos a presença de cães errantes, comparar presença e ausência foi mais adequado aos dados obtidos.

Como não há disponibilidade de outros trabalhos que comparem os fatores estudados diretamente com a presença de cães errantes, optou-se por discutir resultados de trabalhos que avaliam fatores relacionados ao abandono de animais, uma vez que o abandono é a fonte da grande maioria destes cães. Observa-se a evidência de associação entre alguns fatores ligados ao abandono e a presença de cães errantes. Porém não foi possível estabelecer uma associação causal entre estas variáveis o que, em última análise, não foi o objetivo do trabalho. A abordagem das causas de abandono deve ser feita de forma alternativa, pois há dificuldade de obter informação através de questionário pessoal. Devido à criminalização do abandono (Lei Federal 9.605/98 - Lei de crimes ambientais) e sua condenação cultural, os entrevistados indicam que outras pessoas praticam o ato e fornecem detalhes, mas em nenhum momento admitem praticá-lo, nem mesmo informalmente.

A pressuposição de que os cães permaneceriam restritos nas áreas de estudo escolhidas, pela presença de grandes avenidas, barreiras físicas como muros e córregos, foi equivocada, pois ficou evidente durante as visitas às áreas de estudo, que os cães não evitam atravessar ruas e avenidas de grande movimento e o fazem com habilidade. Na área do Jardim Cibeles, a população errante obedeceu com mais fidelidade às características de uma população isolada em uma área fechada, mas na área Assunção, as contagens

seriadas indicaram uma população pequena e com grande variabilidade de indivíduos, indicando que pode ser uma população aberta e talvez, uma área de passagem, apenas. O Jardim Cibeles é uma área urbanizada com entorno de baixa urbanização, diferente da Assunção, cujo entorno é bem urbanizado e é adjacente ao Campus da USP (Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira) onde existem grandes áreas verdes e grande quantidade de cães, o que pode explicar em parte as diferenças das populações de cães errantes entre as áreas. Também ficou claro que, apesar de haverem dois picos de atividade dos cães errantes, durante a manhã a movimentação dos cães é mais intensa.

Uma alternativa que pode ser empregada em estudos futuros é o Método de Transecto (FONT, 1987), que diminuiria o impacto de considerar áreas abertas como dotadas de uma população fechada e também porque pode ser utilizado para áreas maiores.

Nos modelos de regressão desenvolvidos neste trabalho nota-se a grande influência de variáveis ambientais que afetam a capacidade de suporte, como limpeza urbana e fornecimento de alimento pelos moradores, porém fatores sociais (número de moradores nos domicílios e cães que são levados junto com a família em viagens) exibem associações com a variável dependente. É possível notar que os fatores associados à presença de cães apontam na direção econômica e ambiental.

Nas áreas com presença de cães errantes, a tipologia de domicílio "casa sem quintal" foi mais freqüente que em áreas sem presença de cães errantes. Isto pode indicar que os moradores mantêm na rua os animais que gostariam de ter no seu quintal, mas sem tomar responsabilidade por eles, já que não houve referência a animais sob responsabilidade do domicílio mantidos na rua em nenhuma das áreas de estudo. Áreas com comércio e indústria disponibilizam menor número de abrigos para cães errantes (DANIELS, 1983). Nas áreas sem presença de cães errantes, a freqüência de comércio foi duas vezes esta freqüência em áreas com presença de cães errantes, a apesar de não haver diferença estatística entre as freqüências. Adicionalmente, observamos relação entre

a tipologia de domicílio e ter cão ($p=0,004$), o que corrobora a possibilidade de que pessoas em domicílios menores alimentem cães errantes sem tomar a responsabilidade da posse.

Nas áreas com presença de cães errantes, a frequência de domicílios com criança foi mais elevada. O número de moradores por domicílio foi maior do que nas áreas sem cães errantes, ambos os resultados apontando uma composição familiar diferenciada nestas áreas. A frequência de domicílios com gatos ou com outros animais de estimação (que não cães e gatos) também foi maior nas áreas com presença de cães errantes.

Estes dados indicam uma redução de área externa dos domicílios e famílias com maior número de indivíduos no interior do domicílio, levando à busca de animais de estimação de menor porte e com menor requerimento de espaço. O motivo mais freqüente para o abandono de cães em abrigos nos EUA (SALMAN, 1998) estava relacionado ao domicílio humano.

A frequência total de cães que não receberam vacina contra raiva foi de 13,1% (IC = 5,9 – 26,5%). Dos cães que não receberam vacina, a grande maioria estava sob cuidados de pessoas com idade inferior a 50 anos (média de idade dos responsáveis pelos cães), o que nos leva a crer que a experiência adquirida com a idade é muito importante na decisão de vacinar ou não o cão, principalmente quando considerado que há aproximadamente 28 anos não há casos de raiva canina em São Paulo. Dos cães que não receberam vacina ou foram vacinados pela PMSP, a maior frequência foi de cães mantidos no quintal, em áreas com presença de cães errantes. A frequência de animais que receberam vacina contra raiva em clínica particular e de cães que receberam outras vacinas (que não a vacina contra raiva) foi maior em áreas sem presença de cães errantes e houve associação estatística entre receber vacina contra raiva em clínica particular e receber outras vacinas. Dos cães mantidos dentro de casa ou com acesso ao interior do domicílio a maior frequência foi de cães vacinados em clínicas particulares.

O observado aponta na direção de que a proximidade entre seres humanos e cães domiciliados (local de manutenção) é um fator importante na escolha do local de vacinação e na busca por atenção veterinária (outras vacinas), assim como todos estes fatores estão

associados à presença de cães errantes. Salman (1998) mostrou que cães que passavam mais tempo no quintal têm maior chance de serem abandonados. O mesmo autor relaciona abandono com a falta de proximidade do proprietário e seu cão, enquanto Patronek et al. (1996⁸, apud SALMAN et al., 1998, p. 221) definiu que cuidados veterinários periódicos, como vacinação anual, pode ser fator protetor para abandono.

A frequência de cães cujos responsáveis referiram possuir problemas de comportamento e de animais que dão mais trabalho que o esperado, no momento da aquisição, é maior em locais onde houve presença de cães errantes e as variáveis apresentaram correlação positiva. A frequência de cães domiciliados com acesso à rua foi menor nas áreas onde houve presença de cães errantes. O acesso à rua foi fator protetor para problemas de comportamento dos cães domiciliados. A maior frequência de cães que viajam com seus proprietários ocorreu nas áreas onde não houve presença de cães errantes.

Problemas de comportamento foram referidos como a segunda maior causa de abandono de cães em abrigos (SALMAN et al., 1998). Demandar mais trabalho do que o esperado foi considerado fator de risco para abandono (PATRONEK, 1996⁹, apud SALMAN et al., 1998, p. 221) e um dos determinantes para isto seria ter problemas de comportamento. New et al. (2000) também verificaram que alguns desvios de comportamento foram mais freqüentes entre cães abandonados do que entre cães domiciliados e Weng (2006) concluiu que problemas comportamentais foram o principal determinante para o abandono de cães, dentre os fatores pós-aquisição.

Foi observado que os cães domiciliados saem mais à rua nas áreas onde não houve presença de cães errantes. Porém, quando observamos o nível de restrição durante estes passeios, fica claro que nas áreas sem cães errantes há uma tendência de os cães saírem sob supervisão do responsável, com ou sem guia, enquanto em áreas com presença de

---

^{8,2} PATRONEK, G. J.; GLICMAN, L. T.; BECK, A. M.; MCCABE, G. P. ECKER, C. Risk factors for relinquishment of dogs to an animal shelter. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 209, p. 572-581, 1996.

cães errantes, os cães ou não saem para rua, ou saem sozinhos. Aqui fica evidente que os cães domiciliados em áreas sem presença de cães errantes dispõem de um maior tempo do seu responsável, que os acompanha durante os passeios e que o leva consigo quando viaja, o que pode ser um indicador da qualidade do vínculo com o cão, sendo assim fator protetor para abandono.

A frequência de pessoas que já presenciou abandono de cães e a frequência de pessoas que vê cães errantes foi maior nas áreas com presença de cães errantes, como esperado. Ter presenciado abandono está relacionado com alimentar cães errantes, indicando um possível componente emocional para esta atitude, enquanto ver cães errantes está associado com possuir animais e com ver lixo na rua, o que aponta na direção de que a pessoa consciente do seu ambiente nota a presença tanto de cães como de lixo e que pessoas que possuem animais estão mais alertas para a presença de cães na rua.

Ver outra pessoa alimentar cães errantes ou ver pratos de comida destinados aos cães errantes é mais freqüente em áreas com presença de cães errantes. Ver lixo espalhado nas ruas foi mais freqüente em áreas com presença de cães errantes e o número de dias de descarte do lixo da residência foi inferior nas áreas com presença de cães errantes. Estes dados apontam a importância do fator ambiental na manutenção da população de cães errantes, pois há alimento disponível, ou seja, lixo doméstico, que é recolhido menos vezes por semana e acaba sendo espalhado na rua pelos próprios cães além da comida colocada em vasilhas para os cães. Estes dados não estão relacionados com abandono, porém, podem explicar porque os animais se mantêm neste ambiente ao invés de procurar por outro local.

Nas áreas sem presença de cães errantes observamos maior frequência de cães cujos proprietários referem como tendo raça definida, cães adquiridos com custo, adquiridos ainda filhotes e maior frequência de portes pequeno e grande. A aquisição com custo foi relacionada com cão domiciliado com raça definida e cão adquirido filhote, assim como ter raça definida foi relacionada com aquisição de cão filhote. Ter raça definida e ter sido

adquirido com custo são fatores protetores para abandono (NEW Jr., 2000; SALMAN, 1998; PATRONEK, 1996¹⁰, apud SALMAN et al., 1998, p. 221).

Adotar um cão jovem pode ser considerado fator protetor ou fator de risco, dependendo do local onde o estudo foi conduzido e as diferenças culturais entre eles. Neste trabalho, observamos maior frequência de cães adquiridos filhotes em áreas sem presença de cães errantes. Não podemos inferir que cão adotado adulto está sob maior risco de abandono, mas sabemos que, neste estudo, está associado a outros fatores já associados ao abandono.

A aquisição de cães de raça ou aquisição que tenha um custo envolve mais tempo, pesquisa e dedicação, em geral acarreta em maior planejamento familiar para a manutenção adequada deste cão e maior investimento em cuidado veterinário (como vacinação). O auxílio do veterinário na educação do cão e orientação do proprietário pode reduzir os problemas comportamentais, que são um motivo importante de abandono. Observou-se associação direta entre ter raça definida e receber mais cuidados veterinários preventivos e associação entre receber cuidados veterinários ou ter raça definida e não apresentar problemas de comportamento.

Nas áreas sem cães errantes há maior frequência de cães de porte pequeno e de porte grande, enquanto áreas com presença de cães errantes há maior frequência de animais de porte médio. Esta relação pode ser explicada pela relação existente entre porte do cão e ter raça definida ($p=0,001$).

---

¹⁰ PATRONEK, G. J.; GLICMAN, L. T.; BECK, A. M.; MCCABE, G. P. ECKER, C. Risk factors for relinquishment of dogs to an animal shelter. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 209, p. 572-581, 1996.

CONCLUSÃO

---

7 CONCLUSÃO

Partindo-se do pressuposto de que a população de cães errantes provém da população domiciliada, alguns fatores associados com presença de cães na rua são, principalmente: local de manutenção e o investimento (de tempo e financeiro) despendido com o cão domiciliado.

A fixação de cães errante em uma área depende de fatores ligados à capacidade de suporte do ambiente, notadamente a ocorrência de lixo não coletado na rua. Este fator poderia ser facilmente enfrentado pela autoridade municipal, porém somente a redução da capacidade de suporte não resolve o problema, apenas transfere-o de lugar.

Educação em saúde e o incentivo para a guarda responsável também são intervenções desejáveis para a diminuição do problema.

Apesar de não ter sido possível a criação de um estimador de tamanho da população de cães errantes, é possível direcionar ações no campo com base nos resultados obtidos.

Muitos fatores que indicam proximidade da relação da família com o cão domiciliado têm relação com presença de cães errantes, como o local de manutenção dos cães domiciliados. O tempo e o investimento despendidos com o cão domiciliado também parecem influenciar muito a presença de cães errantes na área. A educação e o incentivo para a guarda responsável parecem ser a maior demanda no momento.

REFERÊNCIAS

AAHA pet owner survey results. **Trends Magazine**, v. 9, n. 2, p. 32, 1993.

ACHA, P.; SZYFRES, B. **Zoonosis y enfermedades comunes al hombre y a los animales**. 2. ed. Washington (DC): Organización Panamericana de la Salud, 1986. p. 989 (Publicación Científica, 503).

ALVES, M. C. G. P.; MATOS, M. R.; REICHMANN, M. de L.; DOMINGUEZ, M. H. Dimensionamento da população de cães e gatos do interior do Estado de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 6, p. 891-897, 2005.

AMAKU, M.; DIAS, R. A.; FERREIRA, F. Dinâmica populacional canina: potenciais efeitos de campanhas de esterilização. **Revista Panamericana de Salud Publica**, v. 25, n. 4, p. 300-304, 2009.

ANFALPET. Mercado Pet 2010: Perfil Pet 2011, [2011]. Disponível em: <http://anfalpet.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=76&Itemid=78> Acesso em: 28 jul. 2011.

ARAMBULO, P. V.; BERAN, G. W.; ESCUDERO, S. H. Eradication of rabies in the Philippines. **Health Services and Mental Health Administration Health Report**, v. 87, p. 87-92, 1972

BEAVER, B. V. **Comportamento canino** - um guia para veterinários. São Paulo: Ed. Roca, 2001, 431 p.

BECK, A. M. **The ecology of stray dogs**: A study of free-ranging urban animals. West Lafayette: Prude University Press, 1973, 98 p.

BERMAN, M.; DUNBAR, I. The social behavior of free-ranging suburban dogs. **Applied Animal Ethology**, v. 10, p. 5-7, 1983

BRASSIOLI, S. R. A. **Sofrimento psíquico no trabalho: ensaio sobre sentimentos de trabalhadores em relação a eutanásia animal**. 70 p., 2006. Monografia (Especialista em Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CANATTO, B. D. **Caracterização das populações de cães e gatos domiciliadas no município de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências). 92p., 2010. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

DALLA VILLA, P.; KAHN, S.; STUARDO, L.; IANNETTI, L.; DI NARDO, A. SERPELL, J. A. Free-roaming dog control among OIE-member countries. **Preventive Veterinary Medicine**, v. 97, p. 58-63, 2010.

DANIELS, T. J. The social organization of free-ranging urban dogs: I. Non-estrous social behavior. **Applied Animal Ethology**, v. 10, p. 341-363, 1983

FORTALEZA, C. M. C. B. Programa de controle de populações de cães e gatos do estado de São Paulo. **Boletim Epidemiológico Paulista**, v. 3, n. 10, 2006, 28p.

FRANK, J. An Interactive Model of Human and Companion Animal Dynamics: The Ecology and Economics of Dog Overpopulation and the Human Costs of Addressing the Problem. **Human Ecology**, v. 32, n. 1, p. 107-130, 2004.

FSP. FOLHA DE SÃO PAULO. **DNA paulistano**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2009. 392 p.

FONT, H. Spacing and social organization: urban stray dogs revisited. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 17, p. 319-328, 1987.

GALETTI, M.; SAZIMA, I. Impacto de cães ferais em um fragmento urbano de Floresta Atlântica no sudeste do Brasil. **Natureza & Conservação**, v. 4, n. 1, p. 58-63, 2006.

GALIBERT, F.; QUIGNON, P.; HITTE, C.; ANDRÉ, C. Toward understanding dog evolutionary and domestication history. **Comptes Rendus Biologies**, v. 334, p. 190-196, 2011

GOOGLE. Google Maps Brasil. Disponível em: < <http://maps.google.com.br/> > Acesso em: 28 jul. 2011.

ITEC. INSTITUTO TECNICO DE EDUCAÇÃO E CONTROLE ANIMAL. **Curso de formação de oficiais de controle animal**. Guarulhos: ITEC, 2005.

JÖCHLE, W. Pet population control in Europe. **Journal American Veterinary Medicine Association**, v. 198, n. 7, p. 1225-1230, 1991.

KAHLER, S. Stalking a killer: the “disease” of euthanasia. **Journal American Veterinary Medicine Association**, v. 201, n 7, p. 973-975, 1992.

KATO, M.; YAMAMOTO, H.; INUKAI, Y.; KIRA, S. Survey of the stray dog population and the health education program on the prevention of dog bites and dog-acquired infections: A comparative study in Nepal and Okayama prefecture, Japan. **Acta Medica Okayama**, v. 57, n. 5, p. 261-266, 2003.

MOULTON, C.; WRIGHT, P.; RINDY, K. The role of animal shelters in controlling pet overpopulation. **Journal American Veterinary Medicine Association**, v. 198, n. 7, p.1172-1176, 1991.

NASSAR, R.; FLUKE, J. Pet population dynamics and community planning for animal welfare and animal control. **Journal American Veterinary Medicine Association**, v. 198, n. 7, p. 1160-1164, 1991.

NEW Jr., J. C.; SALMAN, M. D.; KING, M.; SCARLETT, J. M.; KASS, P. H.; HUTCHISON, J. M. Characteristic of Shelter-Relinquished Animals and Their Owners Compared With Animals And Their Owners in U.S. Pet-Ownning Households. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, v. 3, n. 3, p. 179-201, 2000.

PAL, S. K.; GHOSH, B.; ROY, S. Dispersal behavior of free-ranging dogs (*Canis familiaris*) in relation to age, sex, season and dispersal distance. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 61, p. 123-132, 1998.

SÃO PAULO (estado). Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria Municipal de Serviços. **Limpeza de Ruas**, [2011]. Disponível em: <http://www3.prefeitura.sp.gov.br/limpeza_urbana/FormsPublic/LimpezaRua.aspx> Acesso em: 27 abr. 2011.

RAMON, M. E.; SLATER, M. R.; WARD, M. P. Companion animal knowledge, attachment and pet care and their association with household demographics for residents of a rural Texas town. **Preventive Veterinary Medicine**, v. 94, p. 251-263, 2010.

REECE, J. F.; CHAWALA, S. K.; HIBY, E. F.; HIBY, L. R. Fecundity and longevity of roaming dogs in Jaipur, India. **BMC Veterinary Research**, v. 4, n. 6, p. 1-7, 2008.

RUBIN, H. D.; BECK, A. M. Ecological behavior of free-ranging urban pet dogs. **Applied Animal Ethology**, v. 8, p. 161-168, 1982.

SALMAN, M. D.; NEW Jr., J. G.; SCARLETT, J. M.; KASS, P. H.; RUCH-GALLIE, R.; HETTS, S. Human and Animal Factors related to the relinquishment of Dogs and Cats in 12 Selected Animal Shelters in the United States. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, v. 1, n. 3, 206-226, 1998.

SALLUM, P. C.; ALMEIDA, M. F.; MASSAD, E. Rabies seroprevalence of street dogs from São Paulo City, Brasil. **Preventive Veterinary Medicine**, v. 44, p. 131-139, 2000,

SEBRAE. Serviços: Mercado brasileiro de produtos pet é o segundo no mundo, [2011]. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/setor/servicos/segmentos-apoiados/servicos-veterinarios-e-pet-shops>> Acesso em: 28 jul. 2011.

SERPELL, J. A. The behavioral basis of canine-human friendship. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 4, n. 2, 2009.

SERPELL, J. A. Evidence for an association between pet behavior and owners attachment levels. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 47, p. 49-60. 1996.

SINAN. SISTEMA DE INFORMAÇÃO DE AGRAVOS DE NOTIFICAÇÃO. Relatório. Brasília: Sinan, 2009. Disponível em: <<http://covisa.prodam/cgi-win/deftohtm.exe?SINANNET/AntirabNET.def>>. Acesso em 05 mar. 2009

SLATER, M. R.; DI NARDO, A.; PEDICONI, O.; DALLA VILLA, P.; CANDELORO, L.; ALESSANDRINI, B.; DEL PAPA, S. Cat and dog ownership and management patterns in central Italy. **Preventive Veterinary Medicine**, v. 85 p. 267-294, 2008.

SLATER, M. The role of veterinary epidemiology in the study of free-roaming dogs and cats. **Preventive Veterinary Medicine**, v. 48, p. 273-286, 2001.

WENG, H. Y.; KASS, P. H.; HART, L. A.; CHOMEL, B. B., Risk factors for unsuccessful dog ownership: An epidemiologic study in Taiwan. **Preventive Veterinary Medicine**, v. 77, p. 82-85, 2006.

ANEXOS

ANEXO A - Questionário aplicado nos domicílios da áreas de estudo.

ÁREA: _____ PAREAMENTO: ☐ ☐					
ESTIMATIVA DE POPULAÇÕES DE CÃES E GATOS DOMICILIADOS E ERRANTES NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO					
ENDEREÇO: ☐ CASA SEM QUINTAL ☐ CASA COM QUINTAL ☐ APARTAMENTO ☐ COMÉRCIO ☐ INDÚSTRIA		TELEFONE: _____		ENTREVISTADOR: _____ DATA: ____/____/____	
RUA: _____		NRO: _____			
POSSUI ANIMAIS? ☐ N (PULAR PARA PARTE B); ☐ S		QUAL ESPÉCIE? QUANTOS? ☐ CÃO(es); ☐ GATO(s); ☐ OUTRO(s): _____			
NOME: _____	SEXO: ☐ F; ☐ M	IDADE: _____ ANOS _____ MESES	RAÇA: _____	PORTE: ☐ P; ☐ M; ☐ G	
POSSUI DESDE _____	QUE MODO? ☐ FILHOTE ☐ ADULTO	DE ONDE? ☐ LOJA ☐ CANIL ☐ ABRIGO ☐ RUA ☐ AMIGO ☐ CASA	DA CIDADE DE SÃO PAULO? ☐ S ☐ N _____ ☐ NS		
VACINA RAIVA (1 ANO): ☐ CAMPANHA; ☐ CLÍNICA; ☐ N	OUTRA VACINA (1 ANO): ☐ S; ☐ N; ☐ NS	PROBLEMA DE COMPORTAMENTO: ☐ S; ☐ N; ☐ NS ☐ AGRESSIVO ☐ ANIMAIS ☐ PESSOAS	MORADIA: ☐ DENTRO DE CASA; ☐ CAMA HUM; ☐ CAMINHA ☐ QUINTAL; ☐ RUA ☐ CANIL ☐ CASINHA ☐ CORR	SAI PARA A RUA? ☐ N; ☐ S, CGUIA ☐ S, SGUIA ☐ S, SOZINHO	
QUEM CUIDA? MESMO ☐ ☐ FUNCIONÁRIO ☐ FAMÍLIA	SEXO E IDADE (ANOS) ☐ M; ☐ F IDADE _____;	ESCOLARIDADE 1 ☐ BÁSICO ☐ FUNDAMENTAL ☐ COMPL ☐ MÉDIO ☐ INCOMPL ☐ SUPERIOR	CONSIDERA: ☐ POSSE; ☐ AMIGO; ☐ FAMÍLIA	VIAJA JUNTO? ☐ SEMPRE; ☐ ÀS VEZES; ☐ N	CONSIDERA DOENTE AGORA? ☐ S; ☐ N; ☐ NS
MAIS TRAB. QUE ESPERADO? ☐ S; ☐ N; ☐ NS	CASTRADO? ☐ S; ☐ N	HÁ QUANTO TEMPO? _____ ANOS ☐ JÁ VEIO	POR QUÊ? ☐ CRIA ☐ DOENÇA ☐ CIO ☐ BRIGAS ☐ NDA	JÁ TEVE NINHADA? QUANTAS? ☐ N; ☐ S _____ ☐ NS	ONDE ESTÃO? ☐ LARGOU ☐ MORREU ☐ DEU ☐ FICOU ☐ VENDEU
ALGUM CÃO DEIXOU DE VIVER AQUI (ÚLTIMO ANO)? ☐ N	JÁ VIU ABANDONAR CÃES? ☐ S; ☐ N	COLOCA LIXO NA RUA QUANTAS VEZES (SEMANA)? _____	TEM CRIANÇAS NA CASA? ☐ S; ☐ N		
O QUE HOVE? ☐ VENDEU NRO: _____ ☐ DOENÇA NRO: _____ ☐ DEU NRO: _____ ☐ EUTANÁSIA NRO: _____ ☐ DESAP. NRO: _____ ☐ MORREU (VELHO) NRO: _____ ☐ ATROP. NRO: _____	ALIMENTA CÃES DE RUA? ☐ S; ☐ N	COLOCA ONDE? ☐ CALÇADA ☐ LIXEIRA COM TAMPA ☐ SACO SUPERMERCADO ☐ SACO LIXO ☐ LIXEIRA SEM TAMPA ☐ DIRETO NO CHÃO	QUANTAS PESSOAS MORAM? _____ QUAL OCUPAÇÃO DO DONO DA CASA? _____ ☐ DESEMPREGADO		